

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

THIAGO HENRIQUE FERNANDES COELHO

PORTA DOS FUNDOS: Uma noção transgressiva nos vídeos politicamente incorretos

UBERLÂNDIA

2017

THIAGO HENRIQUE FERNANDES COELHO

PORTA DOS FUNDOS: Uma noção transgressiva nos vídeos politicamente incorretos

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
curso de graduação em Teatro da Universidade
Federal de Uberlândia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Elvira Wuo

UBERLÂNDIA

2017

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo tecer uma análise de conteúdo dos vídeos do canal de humor Porta dos Fundos, localizado na rede social YouTube, partindo do pressuposto de que a proposta dos mesmos pressupõe uma noção transgressiva. Para contextualizar o assunto elaborou-se breve histórico da comédia em diferentes contextos até as redes sociais. A partir do objetivo teceu-se uma análise descritiva dos vídeos com embasamento nos teóricos e estudiosos sobre o riso: Bergson e Propp, tendo como foco observar como o tema transgressão está presente na construção do humor dos vídeos do canal. A escolha dos vídeos ocorreu da seguinte forma: o YouTube disponibiliza uma ferramenta em que o usuário escolhe e pode visualizar o ranking dos vídeos de um canal, vendo o posicionamento de cada vídeo pelas visualizações dele. Considerou-se nesse trabalho que o canal de humor na internet Porta dos Fundos faz uma crítica aberta ao comportamento humano nos mais diversos espaços e temas, através de um olhar crítico debochado, evidenciando o quanto o cotidiano é cômico, os comportamentos, vícios e desejos humanos são risíveis. O estudo do tema comédia e humor na graduação de teatro da UFU, trouxeram uma grande contribuição a minha formação no que concerne a amplitude do ponto de vista transgressivo do estudante sobre o universo teórico-prático relacionado a temática comicidade, onde o ator torna-se também um ser mais flexível e aberto a forma de ver o mundo e o espectador a sua volta.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 JUSTIFICATIVA	11
3 BREVE HISTÓRICO DA COMÉDIA	12
3.1 A comédia Grega	14
3.2 A comédia na Idade Média.....	14
3.3 Comédia Alta e Baixa.....	17
3.4 A comédia textual nos palcos no Brasil.....	17
4 PROGRAMAS DE TV QUE ANTECEDERAM O PORTA DOS FUNDOS	18
4.1 TV Pirata	18
4.2 Casseta & Planeta, urgente!.....	20
4.3 CQC.....	21
5 PORTA DOS FUNDOS	24
5.1 Processo judicial contra o Porta dos Fundos	29
6 UMA BREVE ABORDAGEM DO TERMO “POLITICAMENTE CORRETO”	29
7 A TRANSGRESSÃO NOS VÍDEOS DO PORTA DOS FUNDOS	36
8 ANÁLISE DOS VÍDEOS DO CANAL PORTA DOS FUNDOS.....	37
8.1 Sobre a Mesa.....	37
8.2 Academia.....	41
8.3 Xuxa Meneghel.....	45
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE	55
APÊNDICE 1	55
Entrevista com o ator, do Porta dos Fundos, Rafael Portugal	55
APÊNDICE 2	56
Entrevista com a atriz, do Porta dos Fundos, Karina Ramil	56

1 INTRODUÇÃO

Antes de começar a tratar do tema de pesquisa do presente trabalho, que é o da noção transgressiva presente nos vídeos do canal Porta dos Fundos, contarei um pouco da minha história de vida até chegar ao curso de teatro da Universidade Federal de Uberlândia e como isso me motivou a escolher este tema de pesquisa. Para tanto, abaixo, usarei a narração em primeira pessoa para relatar a minha história pessoal.

Desde criança, a televisão me fascina: sempre que via uma novela, queria estar no lugar daquele personagem, ser aquele personagem; isso, claro, quando eu gostava da novela e do personagem. Sempre morei em fazenda e, ao longo da minha infância, morei em fazendas que não tinham energia elétrica, mas, quando ia à casa de quem tinha e via televisão, ficava extasiado. Esse objeto que mostra algo por uma tela sempre me chamou a atenção: desde criança, queria entrar lá e fazer parte daqueles programas, daquelas novelas.

Meu pai me levava à casa da vizinha para eu ver novela, era muito prazeroso isso. Lembro-me de que, na época, estava passando a novela “Chocolate com Pimenta” e eu adorava ver aquela história, aqueles personagens, queria ser um deles, atuar daquela forma, estar dentro da televisão. Ademais, sempre que vejo novela e gosto, dá vontade de estar no lugar do ator, fazendo aquele personagem, participando daquela história.

Desde que passei a morar em casa com energia elétrica, sempre via “Malhação”, a novela das seis e a das sete. Não dava para ver a das nove, pois sempre estudei de manhã e tinha que acordar antes das cinco da manhã para pegar a “Kombi” e ir para uma vila esperar o ônibus. Não é só com as novelas que tenho vontade de fazer parte, mas também com os filmes, os desenhos animados, e agora com os vídeos do Porta dos Fundos. Sempre que vejo algo que gosto, dá vontade de participar, de estar junto fazendo.

Na escola, a partir da 8ª série, passei a fazer teatro, eu e meus amigos ensaiávamos nos horários em que faltavam professores ou nos de educação física. Não dava para nos encontrarmos fora da escola, pois cada um morava em uma fazenda longe da outra. E, mesmo com toda dificuldade, implorando para professores e diretora para deixarem a gente ensaiar, conseguíamos fazer. Eram ensaios muito prazerosos, dávamos muitas risadas. Cada um trazia o que podia de casa, trocávamos ideias. Depois, só fizemos “peças” que eu escrevia, isso ao longo de todo o ensino médio. Eram textos bem simples, não muito longos, pelo tempo de ensaio que tínhamos. Apresentávamos em creches; os professores pediam para montarmos pequenas peças. Sempre trazíamos as referências da televisão e dos filmes porque o teatro está muito longe da minha cidade, devido ao fato de ser uma cidadezinha do interior de Minas

Gerais. A primeira vez que vi uma peça foi no terceiro colegial: um grupo que uma empresa patrocinou para apresentar, em uma tenda montada na rua, na minha cidade, uma peça que falava sobre a água. Foi a primeira vez que subi em um palco de verdade, pois, ao final, o grupo fazia uma brincadeira com a plateia, em que eles colocavam as pessoas que se ofereciam para imitar um dos personagens. Eu levantei a mão e me escolheram para ir ao palco, onde fiz a imitação do rei “Gastão” da peça, e o público caiu na risada.

Vim fazer o curso de teatro para me aperfeiçoar e ganhar conhecimento para ir para a televisão. Chegar lá preparado. A professora¹ Dirce Helena fala que devemos chegar à Globo pela porta da frente, ser convidado, e não ser apenas mais um “rostinho” que entra, faz alguns trabalhos e some. Ademais, muitos atores vêm do teatro e impressionam com o seu trabalho na televisão, como, por exemplo, Juliano Cazarré, Alexandre Nero, Domingos Montagner, Fabíola Nascimento, Enrique Diaz, Mariana Lima² etc.

Outro ponto que chama a minha atenção na televisão e na internet é a não necessária presença do público no ato presente da representação. Com a tv e a internet, o trabalho pode chegar a um agricultor do interior do Ceará, ao pescador no meio da floresta Amazônica, a uma quebradeira de coco no vale do Jequitinhonha, aí sim, eu ficarei contente. Quero chegar às pessoas mais simples, a opinião delas me interessa, quero agradar e tocar no povo.

Antes de entrar no curso de teatro, quando ainda cursava Geografia na UFU, porque, como não sabia da prova de habilidade específica, não pude usar a nota do Enem ou do “PAAES” para entrar no curso, pois não tinha feito essa prova. Então, usei-a para entrar em outro curso. Nessa época, a rede Globo lançou um concurso na novela “Sangue Bom”, novela que ia ao ar no horário das 19 horas. O edital do concurso propunha que os telespectadores fizessem uma paródia de alguma música, gravassem um vídeo e enviassem para o canal. Para os vencedores, haveria a possibilidade de uma visita com todas as despesas pagas para conhecer o “PROJAC” (os estúdios da Globo). Sentindo-me desafiado pelo objetivo do concurso, parti para a criação e fiz uma paródia da música “Solterinha da Pompéia”, que virou “Caipirinha sem ideia”. O resultado me deixou bem feliz, pois fui um dos três finalistas do concurso, o qual se chamava o “Novo famosinho da casa verde”. Com esse resultado, a Globo pagou a minha viagem para o Rio de Janeiro, hospedagem, alimentação e transporte. Conheci o “PROJAC”, as cidades cenográficas, acompanhei a gravação da novela e participei dela. Fui duas vezes para o Rio de Janeiro a fim de fazer a

¹ Professora do curso de teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

² Atores.

gravação. Então, isso só reforçou a minha ideia de atuar na televisão, pois vi como é o ambiente das gravações, senti um pouco da atmosfera da TV. Conversei com muitos atores, observei como é a gravação de uma novela, as pessoas que estão envolvidas etc.

Quando entrei no curso de Teatro da UFU, comecei a descobrir que o teatro tem várias áreas de atuação, como descobri estudando Geografia, assim como o deve ser com todos os cursos. Cada professor trabalha a partir dos seus gostos e referências, e cada estudante tem um objetivo. Conviver com essas várias formas de pensar, ainda mais no teatro, que envolve sempre muito trabalho em grupo nas aulas, não é fácil. Não é fácil conviver com pessoas que pensam completamente diferente de você, visto que trago como referenciais a televisão e o cinema, ao passo que alguns estudantes já fizeram cursos de teatro antes e tinham outros referenciais que, muitas vezes, me chocavam. Esses choques de referências, muitas vezes, para mim, traziam certo desconforto.

Por exemplo, numa das zonas de desconforto por que passei, entendi que, por mais que você passe por várias experiências teatrais ao longo do curso, seja também na questão dos estágios da licenciatura, não quer dizer que você vai segui-las ou que será professor. São apenas experiências, todavia, que podem ou não contribuir para alcançarmos nossas metas. Encarei a licenciatura, na questão do estágio, muito na relação do diretor com os atores e também na questão de comunicação, como é se comunicar com os estudantes nos estágios conduzidos (COMUFU)³, com o objetivo de ganhar experiência no trabalho em grupo, na relação com muitas pessoas.

Retornando ao assunto da pesquisa, preciso contar ao leitor que, antes de entrar no curso de Teatro, eu já possuía um canal no YouTube, onde postava e posto até hoje vídeos sobre a vida na fazenda, brincadeiras com meus primos e família, os trabalhos da faculdade. A partir da minha vida acadêmica no curso de teatro, passei também a postar resumos dos livros que lia para as disciplinas, como também algumas cenas que fiz no curso, também cenas de palhaço etc. Gosto da representação gravada, de poder editar, de entender como a câmera foca o olhar do público e também dessa relação de não ter o público no momento presente da representação. A câmera direciona o olhar do público, através dos enquadramentos, e, com a edição dos vídeos, conta-se uma história, que se pode se passar em vários lugares e épocas, como uma tela que um pintor elabora.

Percebo a minha vida pessoal e profissional muito ligada à televisão, pelo fato de vir de uma cidade do interior, onde a referência de teatro para as pessoas são as novelas, visto

³ Dois estágios finais da licenciatura em teatro, onde os estudantes conduzem oficinas teatrais para o público em geral.

que não há um edifício teatral na cidade ou um grupo de teatro, além de raramente irem peças até lá. Dá-me muito prazer assistir a novelas, séries, filmes, desenhos, seja na internet ou na tv. Por isso, atuo e quero após concluir minha formação, atuar nessa área, quero trabalhar como ator na televisão, internet e cinema. Por esse motivo, o meu desejo de estudar o Porta dos Fundos neste trabalho, por ser algo com que quero trabalhar após terminar o curso. Também gosto de escrever roteiros e vejo que as minhas histórias se aproximam um pouco da qualidade textual dos roteiros do Porta dos Fundos, tendo como via condutora a comicidade e o humor. Nas minhas propostas de vídeo, já tento fazer uma mescla entre o estilo dos enredos melodramáticos das novelas com a comédia.

O período que já se foi e que ainda estou passando no curso trouxe-me muito aprendizado; em cada matéria cursada aprendi algo a mais sobre determinado assunto. Como em um jogo de “videogame”, em que vamos evoluindo de fase, também sinto isso na minha trajetória no curso. Vivi momentos muito potentes, como as aulas de voz da professora Dirce Helena, também a “Interpretação III” com a mesma professora, onde mergulhamos no universo de Brecht, talvez a melhor apresentação que fiz no curso; a disciplina de “Interpretação II”, com o enfoque na comédia, fez-me entrar nessa área, com o processo da busca do clown, o que levou a um desejo de pesquisar essa área, por isso fui fazer uma iniciação científica com a Ana Wuo, onde pesquisei “stand up comedy” e clown. Do “PIBIC”, vislumbrei a oportunidade de tê-la como orientadora no TCC, pois queria estudar o Porta dos Fundos, pois, como já disse anteriormente, é uma linguagem com a qual me identifico e pretendo trabalhar.

Com a iniciação ao palhaço e as visitas ao hospital, trouxe a noção de muita presença, prontidão, escuta e uma relação próxima com o público; as disciplinas com a professora Paulina, que propõe a você a escrever e entender a sua escrita, de modo que ela vai se desenrolando como um novelo e assim faz você aperfeiçoar a forma de escrever; As disciplinas de improvisação com o professor Eduardo, em que, na primeira, usamos muito a palavra e na segunda trabalhamos no silêncio; “Didática geral” com a professora Vanessa, que nos apresentou o mundo de Paulo Freire, propondo uma forma nova de conduzir uma disciplina, ao usar desenhos e vídeos da internet para gerar as discussões, sempre com muito humor, ela era uma professora-palhaça, no melhor sentido; O professor Netto, propondo discussões acerca da psicologia e do aprendizado da criança, bem como seus questionamentos sobre a organização da sociedade; na disciplina “Pedagogia do ator”, com a professora Mara, em que um dos trabalhos era uma entrevista com um ator, e tive a oportunidade de entrevistar

a atriz Denise Dell Vecchio, o que ela disse sobre sua forma de interpretação, que se baseia muito no realismo, condiz muito com o que quero seguir, um dos momentos mais felizes do curso; Na disciplina “Ética, legislação e produção teatral”, entrevistei a atriz Grace Gianoukas, e ela contou sobre sua experiência na tv e no teatro, na sua relação com a comédia e o viver como atriz. Complementou o que a Denise já havia me falado e agregou mais conteúdo à comédia, que é a base dessa pesquisa. Sempre procuro olhar o lado bom de cada experiência, mesmo das que não são tão agradáveis. Como diz o personagem Candinho da novela “Etê Mundo Bom!”, “o que acontece de ruim na vida é para melhorar”. Por isso que, talvez, olhando todas as disciplinas cursadas, não tenha mágoa com nenhuma, fui feliz e me dediquei ao máximo em todas. Saio com o sentimento de dever cumprido. Ademais, os professores que não citei no texto também foram especiais e marcaram a minha vida. “Cada pessoa que passa pela nossa vida deixa um pouco de si e leva um pouco de nós” (SAINT-EXUPÉRY). Está valendo a pena fazer este curso! Está sendo um período transformador na minha vida, aprendi a ter um olhar poético sobre a vida, a enxergar a beleza nos mais diferentes espaços. Entendendo que as influências na aprendizagem puderam me transformar e levar a iniciativa de querer pesquisar um tema relacionado à comedia, apresento abaixo o eixo temático do corpus investigado.

O presente trabalho tem como objetivo tecer uma análise de conteúdo dos vídeos do canal de humor Porta dos Fundos, localizado na rede social YouTube, partindo do pressuposto de que a proposta deles tem uma noção transgressiva. A análise descritiva dos vídeos foi embasada nos teóricos e estudiosos sobre o riso: Bergson e Propp, tendo como foco observar como o tema transgressão está presente na construção do humor dos vídeos do canal. A escolha dos vídeos ocorreu da seguinte forma: o YouTube disponibiliza uma ferramenta em que o usuário escolhe e pode visualizar o ranking dos vídeos de um canal, vendo o posicionamento de cada vídeo pelas visualizações dele. A partir disso, o autor da presente pesquisa foi seguindo o posicionamento dos vídeos, para assisti-los. Com isso, selecionou os vídeos que mais tinham elementos transgressivos. O termo transgressão será explicado mais adiante no trabalho, mas em resumo é uma quebra de modelo, ultrapassar um limite. Diante disso, foram observados no vídeo elementos cômicos que levam à transgressão, como escárnio, ironia, trocadilhos, paródia etc. A escolha foi a partir do conteúdo dos vídeos, ou seja, que lidava com temas, como a procura por academias, a relação entre casais, a abordagem de uma personalidade como a Xuxa, em que fazia a sua desconstrução, propondo um olhar irônico sobre a mesma. Uma desconstrução de paradigmas, ou seja, de modelos, é

algo que o Porta dos Fundos promove por meio da ironia, que é dizer algo diferente do que se pensa. Dessa forma, os vídeos escolhidos foram “Academia”, “Sobre a Mesa”, e “Xuxa Meneghel”. Cada um irá ironizar e desconstruir as imagens que o próprio título do vídeo resume, ou seja, o conteúdo abordado no mesmo traz no título como se fosse um resumo, ou melhor, uma palavra-chave. O vídeo “Academia” aborda satiricamente o ato de se matricular na mesma; “Sobre a Mesa” aborda a relação conjugal, dando voz à dona de casa; e o vídeo da Xuxa, ironiza a questão da baixa audiência que a apresentadora vem tendo e o fato de ela ter ido para a Record.

Para tanto, será feita uma breve síntese histórica da comédia, focando mais na comédia dos séculos XX e XXI. A breve síntese tem o intuito de contextualização para que se possa entrar no tema do recortado e ele não fique sem as referências de tempo, chegando aos programas de humor anteriores ao Porta dos Fundos. Passando pelos programas que antecederam ao canal Porta dos Fundos, vê-se que possuem um tipo de comédia na perspectiva que interessa a presente pesquisa, semelhante ao do canal, como “TV Pirata” (Rede Globo), “Casseta e Planeta urgente” (Rede Globo) e “CQC” (Bandeirantes). Isso dentro da abordagem histórica, pois o pesquisador do presente tema percebe conexão entre o humor feito por estes programas e atualmente o que está presente nos vídeos do Porta dos Fundos, pois ambos tinham uma grande carga de deboche em relação aos comportamentos humanos sociais no cotidiano.

O que motiva o pesquisador neste trabalho é o fato de o tema comédia ser uma linguagem em que o mesmo pretende trabalhar futuramente, desenvolvendo vídeos com essa temática, seja na internet ou na televisão, pretendendo atuar nessas áreas, ou seja, trabalhar como ator na televisão e na internet. Como pesquisador desse tema, houve interesse pelo humor produzido pelo Porta dos Fundos, almejando-se entender, por meio da análise, como ocorre a construção dessa linha humorística. A internet é uma nova opção, além da televisão, para quem tem interesse em atuar nessa área. Ainda, há o fato de o Porta dos Fundos ser um grande fenômeno, pois é “[...] o canal brasileiro do Youtube mais assistido, é mundialmente o 5º canal de comédia mais influente e o 18º mais clicado em todo o mundo” (GUIMARÃES, s/d, p. 3).

Observando o exemplo do Porta dos Fundos, o pesquisador vê a internet como um caminho profissional. O que interessa ao pesquisador é a atuação para as câmeras. Uma atuação verossímil, que se aproxima do modo de falar do cotidiano. Com a criação de personagens, a presença do enredo, da história.

Interessa ao pesquisador contar uma história realista, com começo, meio e fim, uma atuação como a que é feita na tv e no cinema e, agora, também na internet. Ter uma realidade cênica onde o público é convencido de que o ator é outra pessoa e está vivendo o mundo que a história retrata, independente da forma como a história é contada. Percebe-se veracidade e presença no trabalho do ator. Tudo isso pode ser percebido nos vídeos do canal Porta dos Fundos. É possível ver um personagem em cada ator, com sua própria energia, deixando claro para o público quem cada um é.

2 JUSTIFICATIVA

O trabalho investigativo sobre como a noção de transgressão está presente nos vídeos do canal Porta dos Fundos justifica-se, no sentido de validade/importância, pela enorme abrangência que o canal está tendo no Brasil e no mundo. Com milhões de visualizações, milhares de comentários nos seus vídeos, um público jovem se identificando com os mesmos e, além destes, atingindo também diversas faixas etárias, tomando uma relevante proporção no cenário de produção de conteúdo, tendo diversos atores já passados pelo grupo e posteriormente ingressados na tv. O canal se tornou referência na produção de conteúdo para essa área, despertando a atenção do mundo todo, tanto que, inclusive, foi reportagem do jornal estadunidense “The New York Times”. O grupo Porta dos Fundos possui 7 canais, somando as várias redes sociais em que estão presentes, com 1480 vídeos, com 13.623.797 inscritos e 2.795.617.665 visualizações até o momento de redação deste trabalho. No canal principal do YouTube, eles possuem 12.489.793 inscritos e 2.704.751.460 visualizações (YOUTUBE, PORTA DOS FUNDOS, 2016).⁴

O Porta dos Fundos está se mostrando uma opção de trabalho para diversos atores, tantos que vários já passaram pelo grupo e, atualmente, estão ingressando e atuando na televisão. Dessa forma, o canal virou um espaço de revelação de novos atores, que passam a ser absorvidos pela televisão.

A questão é que o Porta dos Fundos evidenciou que, além da televisão, a internet também pode ser uma forma de trabalho, e pode-se ganhar algum dinheiro com isso. Ademais, o grupo relata a independência que a internet confere: produzir conteúdo e disponibilizar nas redes sociais, como o YouTube, permite fazer o que te motiva, com a sua cara e gosto.

⁴ Disponível em <<https://www.youtube.com/user/portadosfundos/about>>. Acesso em: 1 set. 2016.

A proposta do Porta dos Fundos é de uma dramaturgia acessível, em que a atuação realista dos personagens dos vídeos é vista na vida real, estes podem existir e a interpretação pode convencer. É possível enxergar o personagem dentro de uma história, o contexto é estabelecido e somos convencidos do que estamos assistindo. Os vídeos do canal são curtos, geralmente de no máximo quatro minutos e, neste tempo, conseguem estabelecer uma história de fácil compreensão em todo o contexto.

3 BREVE HISTÓRICO DA COMÉDIA

Na Poética⁵ de Aristóteles, segundo seus estudos, o autor Gutiérrez (2011) nos aponta que somente a parte da tragédia foi conservada, a que abordaria a comédia foi perdida. Assim, o autor faz uma reflexão que, a partir dessa falta de perspectiva, muitos autores interpretam a comédia a partir da tragédia, estabelecendo uma oposição. Contudo, alguns autores, tais como Propp (1992), já propõem que talvez não fosse uma oposição, mas sim dois gêneros que caminham em paralelo. No entanto, ao longo do tempo, a comédia sofreu muitos preconceitos, sendo preterida em relação a tragédia.

A tragédia está ligada ao alto, ao céu, aos deuses. A comédia está ligada ao baixo, à terra, aos homens. No corpo humano, a tragédia está ligada à cabeça e a comédia às partes baixas, genitálias (REIS, 2013). Seria essa dicotomia sagrado e profano, carne e espírito. O sucesso e o fracasso, o primeiro dos deuses e o segundo dos homens. O homem quer ser Deus, mas não consegue desvencilhar dos seus fracassos/imperfeições, o que o faz tomar a consciência de humano, deixando-o na terra, não o deixando subir ao céu. A comédia se inspira nesses fracassos/imperfeições/vícios e celebra-os em cena, levando ao riso, que é o processo de identificação do público, onde ocorre o reconhecimento das características humanas.

“No Dicionário do Teatro, Luiz Paulo Vasconcellos define a comédia como ‘uma das principais formas do drama, que enfatiza a crítica e a correção por meio da deformação e do ridículo’” (VASCONCELLOS, 2010: 61 apud VASCONCELOS, 2012, p. 16). Tanto a comédia como a tragédia têm origens nas festividades de culto a Dionísio, em Atenas. O coro

⁵ Poética (ou Περί ποιητικῆς – Peri poetikes, no título em grego) é o mais antigo dos trabalhos conhecidos de Aristóteles. Trata-se de uma compilação realizada por volta de 335 a.C., que busca sistematizar o formato e a estética dos gêneros literários gregos. O texto que temos hoje conta com 26 capítulos e é composto por uma introdução geral sobre a arte poética, seguida de uma digressão detalhada sobre a poesia trágica e a épica, concluindo com uma comparação entre ambas (CAMPOS, 2007).

estava presente em ambas, como também a música, a dança e a interpretação (VASCONCELOS, 2012).

“Embora o riso tenha sido algo característico do homem desde a sua origem, os primeiros registros consistentes sobre o tema são datados da Antiguidade, mais precisamente oriundos das civilizações grega e romana” (WASSERMAN, 2009 apud WEBER, 2014, p. 12). A comédia no mundo ocidental tem seus princípios na Grécia Antiga. Seu nascimento está diretamente relacionado aos cantos fálicos, às farsas e às danças cômicas. Os cantos fálicos são comemorações à colheita, celebrações das dádivas dos deuses, quando a população saía às ruas em grandes procissões com um falo gigante (BRANDÃO, 1985, p. 71).

O riso da festa, inseparável da mitologia, surge sempre de forma grupal, de modo organizado, sério ou cômico. Do mundo grego lembramos diretamente das festas Dionisiacas relacionadas ao campo ou das religiosas como as bacanaís, as laneanas, as tesmofórias e panatenéias, todas adequadas ao senso geral de mundo vigente naquela época, submetido às vontades dos deuses (WASSERMAN, 2009, p.20 apud WEBER, 2014, p. 12).

Um mito grego conta que a deusa da fertilidade Deméter teve sua filha raptada pelo deus do reino dos infernos Hades, com isso ela ficou tão triste que nunca mais conseguiu rir. A tristeza da deusa da fecundidade fez cessar o crescimento das plantas. Deméter só riu novamente ao ver sua serva Jamba a fazer um gesto obsceno, assim a primavera retornou à terra (ABRANTES, 2004).

A terra era concebida como um organismo feminino e a colheita como a conclusão de uma gravidez. As procissões fálicas da Antiguidade despertavam o riso e a alegria gerais, e este riso, com tudo aquilo que ele suscita e que a ele está ligado, devia influenciar a colheita. Certos estudiosos e historiadores da literatura fazem remontar a essas procissões as origens da comédia (PROPP, 1992, p.165 apud ABRANTES, 2004, p. 14).

Para tornar mais esclarecedora a noção de quanto o mundo grego estava imerso no cômico, recorremos a Minois (2003), onde o autor explica que um dos mitos gregos conta que Deus fez o mundo rindo e, a cada risada, surgia determinado elemento (MINOIS, 2003). Assim, percebemos o quão ligado com o riso está a cultura grega, tendo-o presente em diversas formas ao longo do tempo.

Vemos essa relação com o cômico também em outros povos, como aponta Abrantes (2004):

[...] Para os antigos iacutos, a deusa dos nascimentos, Iekhsit, visitava as mulheres que estavam prestes a dar a luz e as ajudava no momento do parto rindo alto. Para outros povos antigos, o riso era obrigatório nas cerimônias de iniciação, à fase da maturidade sexual, considerada simbolicamente um novo nascimento do iniciado (ABRANTES, 2004, p. 14).

3.1 A comédia Grega

Em relação à comédia na Grécia, o autor que terá grande destaque será Aristófanes, que escreveu *As Rãs*, *As Vespas*, etc. A comédia desse período é dividida em Comédia Antiga e Nova. A comédia Antiga tem como principal autor Aristófanes. Tendo como tema o estado, a pólis grega, ou seja, as ações públicas. Um resquício ainda da tragédia. Já a Comédia Nova tem como autor principal na Grécia Menandro e, em Roma, Plauto e Terêncio. Seus temas serão a vida privada, os assuntos do cotidiano. Os vícios que caracterizam o ser humano na vida em sociedade. Muitas vezes, as obras terão nomes de alguma profissão (ARÊAS, 1990).

Destacando nesse ponto que o autor Aristófanes produz uma comédia satírica com o estado atual, pregando uma volta ao passado, à pólis antiga. Por isso, é visto como um autor conservador. Segundo Minois (2003) proferia em seus escritos, ataques aos políticos e à aristocracia, porque queria o retorno da ordem anterior (MINOIS, 2003). Dessa forma o riso começará a ser censurado na sociedade, o que irá fazê-lo se voltar para a vida privada.

Outra curiosidade referente ao contexto é que nas guerras, satirizava-se o inimigo, fazendo um ataque moral. O exército espartano era treinado para suportar a zombaria (MINOIS, 2003). Vemos assim, que o riso também era usado na Grécia Antiga como arma de guerra, porque rir é um ato de quebra de padrão, de romper com o linear, te colocar em suspensão, em um outro tempo, que te traz liberdade de expressão. O momento da risada, é uma perda de controle de si mesmo.

Historicamente, a comicidade está ligada ao atravessamento e violação de normas e valores. Para os gregos arcaicos, o riso era associado à realização das festas, ocasiões de divertimento coletivo em que faziam parte dos processos ritualísticos os momentos de excesso, de transbordamento, de inversão das hierarquias e condutas sociais. Gritos, zombarias, brincadeiras obscenas e injuriosas estavam presentes como uma forma de retorno ao caos original, contato com o mundo divino através da “experimentação ritualizada da desordem” (Minois, 2003: p. 33 apud FERREIRA, 2012, p. 4-5).

3.2 A comédia na Idade Média

Nos rituais religiosos da Idade Média, ocorria uma grande ligação com o riso. Na preparação para a Páscoa nos países católicos, tínhamos o riso pascal. Era quando os sacerdotes faziam brincadeiras indecentes para levar os fiéis ao riso. O clamor desesperado das mulheres que seguiram a crucificação que os romanos fizeram com Cristo, era representado, seguido do júbilo de alegria com a ressurreição do Filho de Deus, com isso tinha-se o ideal que a paz reinaria sobre o mundo (ABRANTES, 2004).

Como nos profere Arêas (1990, p. 42) “Assim, do mesmo modo como o teatro grego evoluiu do culto a Dioniso, o teatro medieval desenvolveu-se a partir da liturgia cristã, principalmente nas celebrações da Páscoa”. Como sempre, o ideal cristão girou em torno do bem e do mal, representado respectivamente por Jesus e pelo Diabo. A comédia na Idade Média, a princípio, nas encenações feitas dentro da igreja, alguns padres representavam a figura do diabo, que sempre era retratado com deboche, escárnio e trazia o cômico das peças. Isso começou a fazer tanto sucesso que incomodou a igreja, que acabou proibindo os padres de representar o diabo nas encenações e, por conseguinte, a retirada do teatro do altar e sua expulsão para a rua (ARÊAS, 1990). O riso não tem espaço no mundo cristão (MINOIS, 2003), que prega uma vigília de si, para que o ser humano, em eterno estado de atenção, não caia nas “tentações”. O riso quebra com esse estado de controle, levando o homem à expansão, a extravasar seu eu para o mundo, muitas vezes sem controle, como podemos ver no exemplo trazido por ARÊAS na citação abaixo:

Não se sabe exatamente quando o novo teatro ganhou o espaço fora da igreja, mas certamente numerosos clérigos provocaram grande escândalo ao interpretarem nos mistérios o papel do Diabo, pois um excesso de motivação os levava a fazer verdadeiras diabruras: perseguir crianças, assustar velhas, beliscar moças e levantar-lhes a saia- tudo isso foram mais do que razões para proibições e para os autos saírem dos templos. Em geral esse movimento foi acompanhado pela substituição do latim pela língua nacional, em cada país, e a inclusão de cenas cômicas nos episódios religiosos: a mulher de Noé aparece como uma virago que surra o marido e que deseja levar todas as amigas para a Arca; S. Pedro às vezes aparece como um beerrão; S. José, apanhando das empregadas de Maria etc.; em algumas peças, os guardas do Santo Sepulcro retomam o tipo do soldado fanfarrão da tradição clássica (ARÊAS, 1990, p. 44).

Na bíblia, não existem indícios que Jesus, enquanto estivera na Terra, rira, por isso, o riso passou a ser condenado em textos teológicos, tornando-se então pecado, assim, não sendo visto com bons olhos pelos membros da igreja católica (WEBER, 2014). A igreja prega a reclusão, a contenção, enquanto o riso faz o ser humano extravasar, expandir na sociedade, enquanto no ideal religioso “correto” seria a retração.

Nessa época, já havia o carnaval, que é a festa profana, vindo antes da Quaresma, que é a época das privações. Então, dias antes da quaresma, o povo se entrega aos mais diversos prazeres. “Como afirma *Propp (1992)*, o riso imoderado é aquele das festas populares, como a *Máslenitsa* russa e o Carnaval da Europa Oriental. Nessas ocasiões, o riso era obrigatório e desenfreado e os participantes se entregavam aos excessos da comida e da bebida” (apud ABRANTES, 2004, p. 14). Nesse momento, não havia muito a divisão de classes, de modo que o povo se fantasiava de nobre e, de certa forma, era um tipo de deboche/escárnio do comportamento da nobreza, em que o dominado ganhava “direito” de rir do dominador. (BAKHTIN, 1987) Aí está o questionamento do poder, por meio da demonstração das suas contradições/imperfeições.

Abrantes (2004) aponta que as festas da Idade Média eram onde as pessoas podiam se libertar do estado de oprimido e desfrutar da liberdade desregrada. Por meio dessas festas, as formas de poder eram satirizadas, sendo isso uma forma de protesto.

O renascimento traz uma liberdade para as comédias, que foram censuradas na Idade Média. Rabelais surge no século XVI, mostrando em sua obra personagens que questionam os costumes vigentes na sociedade (WEBER, 2014).

Entre Rabelais e Voltaire, existiu Bossuet, mas sobretudo Descartes, Boileau, Molière, Swift, Shaftesbury, e Kant não está longe. O riso não é mais um sopro vital, um modo de vida; tornou-se uma faculdade de espírito, uma ferramenta intelectual, um instrumento a serviço de uma causa, moral, social, política, religiosa ou antirreligiosa. Ele se decompôs em risos funcionais, correspondendo a necessidades precisas (MINOIS, 2003, p.409 apud WEBER, 2014, p. 16-17).

O riso vai ganhando importância na sociedade, em diversas áreas, mas principalmente, pelos dramaturgos como uma forma de deboche de valores, costumes e rituais presentes no cotidiano de determinada sociedade. A comédia como uma forma de protesto crítico à sociedade, fazendo inclusive, até as pessoas retratadas, rirem-se de si mesmas.

No século XVII surgiu, na França, o grande comediógrafo Molière, considerado por muitos o maior escritor de comédias da França e talvez, de todo o teatro feito no Ocidente, salvando a exceção do comediógrafo grego Aristófanes (ARÊAS, 1990).

Na França, Molière irá construir suas peças a partir de temas vindos da burguesia que está em ascensão, estabelecendo uma crítica aos costumes dessa burguesia que quer ser nobre, mas não possui isso de sangue, ou seja, hereditariedade, “sangue azul”, como dizia a nobreza possuir; mas tem dinheiro para comprar títulos de nobreza. Como, por exemplo, no *Burguês Fidalgo*, em que o senhor Jourdan tenta se casar com uma marquesa, mesmo já sendo

casado, para adquirir um título nobre; Em outros casos, serão os casamentos dos filhos que possibilitarão a chegada ao título de nobreza (ARÊAS, 1990).

Molière, com suas comédias, estabelece todo um contexto da sociedade francesa do século XVII. Outro ponto que chama a atenção em suas peças é como funciona a profissão dos médicos da época, com suas prescrições no mínimo esdrúxulas para o tratamento das doenças. Molière irá satirizar essas profissões, mostrando como elas eram ridículas (ARÊAS, 1990).

3.3 Comédia Alta e Baixa

A comédia intitulada Alta e Média foi intitulada dessa forma porque tem relação com as camadas sociais. De acordo com Propp, a teoria sobre o alto e o baixo na comédia surgiu no século XIX. A comédia alta está ligada às pessoas cultas e à aristocracia, já a baixa está relacionada com as multidões, com o povo (VASCONCELOS, 2012). Segundo E. Beyer, “o cômico-baixo é adequado ao teatro popular (Volksstücke), onde os conceitos de decência, de decoro e de comportamento civilizado possuem limites mais amplos” (VASCONCELOS, 2012, p. 18). A baixa comédia usa de efeitos visuais com um riso mais aberto, enquanto a alta usa mais as palavras, levando a um sorriso (VASCONCELOS, 2012).

A comédia é sempre o olhar sobre algo, porque uma história pode ser tanto engraçada como trágica, sempre dependerá de como ela é contada. Horton (2000) dá um exemplo de um casal que, para ficar junto, tem que enfrentar a família, pode ser tanto a história de Romeu e Julieta, como de uma comédia romântica (VASCONCELOS, 2012).

Após uma breve abordagem histórica no contexto mundial, vamos agora focar na comédia no Brasil, para chegarmos ao momento atual, que é o canal de humor Porta dos Fundos.

3.4 A comédia textual nos palcos no Brasil

O primeiro comediógrafo brasileiro foi Martins Pena, que é considerado o Molière brasileiro. Escreveu muitas peças retratando a situação brasileira do século XIX, mostrando a figura do caipira que chega à cidade grande, delineando um cenário nacional que, até então, de certa forma, não era abordado por outros autores. Traz figuras do interior para suas peças, como, por exemplo, o nordestino, o caipira já citado (ARÊAS, 1990).

Como já faziam alguns comediógrafos, como Plauto e Molière, Martins Pena também nomeia alguns de seus personagens apenas pela profissão, como, por exemplo, Meirinho, Juiz, Padre etc, Retratando as situações comuns dessas profissões pelo viés cômico.

Seguido por Martins Pena, vem o autor Arthur Azevedo, que dará início ao Teatro de Revista, que é uma revista encenada dos assuntos marcantes do ano anterior, com um tom cômico. A partir disso, vão surgindo outros autores e atores, que vão alargando esse universo da comédia no Brasil (ARÊAS, 1990).

Os textos de Martins Pena, que é o elemento primordial da comédia do Brasil, se liga a abordagem da comédia feita na televisão e no Porta dos Fundos, com a questão dos tipos nacionais e a abordagem dos acontecimentos do cotidiano. Por isso, entraremos com a comédia produzida na televisão.

A televisão começa no Brasil na década de 1950, com a TV Tupi, fundada por Assis Chateaubriand. No começo, são feitos os teleteatros, ou seja, adaptações de peças para a tv, sendo que tudo era ao vivo, pois não havia o videoteipe. Um dos primeiros programas de comédia foi Alô Doçura (1953), inspirado em “I love Lucy”, feito aqui no Brasil por Eva Wilma e John Herbert; A Praça da Alegria (1957), em que Manuel da Nóbrega senta em um banco de uma praça e conversa com os tipos que passam e hoje temos seu filho fazendo A Praça é Nossa; A Família Trapo (1960), criada por Jô Soares e Carlos Alberto de Nóbrega (BRAUNE; RIXA, 2007).

4 PROGRAMAS DE TV QUE ANTECEDERAM O PORTA DOS FUNDOS

4.1 TV Pirata

Entre 1988 e 1990, a rede Globo levou ao ar o programa humorístico TV Pirata. Depois de sua interrupção em 1990, ele voltou em 1992, ficando mais esse ano no ar. Os criadores do programa foram o diretor Guel Arraes e o roteirista Cláudio Paiva. O humorístico tinha um humor baseado na sátira e no nonsense (MEMORIA GLOBO, 2016). Era bem ao estilo do hoje Porta dos Fundos, com essa grande carga crítica com os fatos que acontece no cotidiano, seja na economia, na política, na televisão, e na vida, propondo um olhar irônico sobre os fatos.

Entre os roteiristas do programa, estavam Luís Fernando Veríssimo, o grupo do Planeta Diário e da Casseta Popular (futuro Casseta & Planeta) e os quadrinistas Glauco e

Laerte. Integravam o TV Pirata “dramaturgos expoentes do teatro apelidado pela imprensa de ‘besteirol’, como Mauro Rasi, Vicente Pereira, Pedro Cardoso e Felipe Pinheiro” (MEMORIA GLOBO, 2016, s/p).

O programa também possuía um elenco de peso, com nomes como Marco Nanini, Cláudia Raia, Diogo Vilela, Pedro Paulo Rangel, Débora Bloch, Ney Latorraca, Cristina Pereira, Louise Cardoso, Guilherme Karan e Maria Zilda Bethlem (MEMORIA GLOBO, 2016). Esse elenco era formado por atores da televisão e do teatro, mas nenhum com o perfil ainda de comediante. Após esse programa, iriam se dedicar mais à área do humor (MEMORIA GLOBO, 2016). O Porta dos Fundos também foi formado por pessoas que já eram conhecidas da mídia, Fábio Porchat já tinha feito diversos trabalhos na Globo; Antônio Tabet já tinha um canal de humor, o KIBELOCO; Gregório Duvivier também já havia feito trabalhos na tv, como também filmes.

A constituição do programa TV Pirata traz influências de diversos outros programas estrangeiros, como o “Monty Python Circus”, da Inglaterra, o “Saturday Night Live”, dos EUA, e o filme “Amazon Women on the Moon”, envolvendo tanto o formato como o conteúdo. O programa era construído a partir de vários esquetes e ocorria de ter alguns quadros que se fixavam ao longo da temporada (MEMORIA GLOBO, 2016). O Porta dos Fundos também faz esquetes⁶ nos seus vídeos, não tendo um vídeo ligação com o outro, nem continuação de personagens, na maioria dos casos.

O programa trazia pontos de contato com uma linhagem de humorísticos que teve início no final dos anos 60, tais como “o TV0-TV1 (1967) e prosseguiria, na década seguinte, com Satiricom (1973) e O Planeta dos Homens (1976)” (MEMORIA GLOBO, 2016, s/p). Em comum com esses programas, o fato de satirizar a programação da televisão: as novelas, os jornais, séries e seriados, anúncios, programas de auditório e entrevistas, os esportivos, entre outros. O alvo principal era a própria TV Globo (MEMORIA GLOBO, 2016).

A sátira da televisão era o pretexto para que TV Pirata falasse da realidade brasileira e de temas como violência urbana e infantil, crime organizado e a situação nos presídios. Os quadros variavam a cada semana, com predominância de esquetes cômicos e vinhetas, além dos quadros fixos. Na estreia, por exemplo, foram ao ar 33 quadros, e poucos tiveram continuação nas semanas seguintes, como a novela Fogo no Rabo e o seriado de guerra Combate (MEMORIA GLOBO, 2016, s/p).

O TV Pirata não seguia o modelo humorístico tradicional, com os quadros fixos, como, por exemplo, o “Balança Mas Não Cai” ou a “Praça da Alegria”. Sempre eram criadas

⁶ Cenas rápidas.

novas esquetes, e nenhuma tinha um lugar reservado ao longo da temporada, estavam continuamente em busca de novas histórias e personagens. Não havia plateia e nem risadas de fundo no programa, o que foi uma renovação para a época, pois as outras atrações possuíam isso (MEMORIA GLOBO, 2016).

O programa fazia piadas com todos os temas, sejam celebridades, futebol, novelas, economia, política, entre outros. O humor do TV Pirata atirava em todas as classes, até para a TV Globo: fizeram sátiras dos seus programas, como, por exemplo, Campo Rural (Globo Rural), TV Macho (TV Mulher), Fogo no Rabo (Novela Roda de Fogo), entre outros (MEMORIA GLOBO, 2016). Algo semelhante faz hoje o programa “Tá no Ar - a tv na tv”, que satiriza os diversos programas de televisão de todas as emissoras, incluindo a própria Globo.

O TV Pirata rompeu com a comédia de tipos que foi trazida do rádio e era na época um padrão que dominava a televisão. Com isso, foi um fenômeno do humor no Brasil (MEMORIA GLOBO, 2016), pois trouxe um humor mais ligado ao cotidiano, mais livre, sarcástico e sem pudores, criticando os comportamentos humanos, seja nas relações de casais, na política, ou as celebridades.

4.2 Casseta & Planeta, urgente!

Casseta & Planeta foi produzido pela TV Globo a partir de 1992, foi ao ar até 2010, sendo considerado um programa de variedades humorísticas. O programa foi derivado de Doris para maiores (1991), primeiro programa que o grupo criou para a televisão. O programa seguiu o lema Jornalismo mentira, humorismo verdade (MEMORIA GLOBO, 2016). “O humorístico era redigido e estrelado pelos integrantes do grupo Casseta & Planeta: Hubert, Claudio Manoel, Bussunda, Helio de La Peña, Reinaldo, Marcelo Madureira e Beto Silva” (MEMORIA GLOBO, 2016, s/p).

O grupo fazia parte da revista Casseta Popular e o jornal Planeta Diário, publicações de humor nos anos 80 que deram uma renovação na comédia. Antes do programa, eles escreveram para o Fantástico, TV Pirata e Dóris Para Maiores (MEMORIA GLOBO, 2016).

Muito dos elementos presentes naqueles programas foram levados para o Casseta & Planeta, Urgente!. O lema “jornalismo-mentira e humorismo-verdade”, que definia a proposta de retratar os fatos da atualidade parodiando o jornalismo convencional, já havia sido apresentado ao público no quadro Plantão Casseta, exibido no Fantástico.

A sátira à programação da televisão era uma herança da TV Pirata e do humorístico Satiricom, da década de 1970 (MEMORIA GLOBO, 2016, s/p).

O estilo do programa foi também uma inspiração das revistas eletrônicas, como, por exemplo, o Fantástico. Em virtude disso, possuíam uma apresentadora feminina, primeiro com Kátia Maranhão e, a partir de 1994, com Maria Paula. As atrações do programa eram sátiras dos programas da TV, de coberturas jornalísticas, campanhas publicitárias, paródias de músicas, entre outros (MEMORIA GLOBO, 2016).

O Casseta & Planeta parodiava o que acontecia no mundo e no Brasil, tendo, inclusive, imitação de personalidades famosas, entre tantas a do presidente Lula, e uma crítica às grandes corporações, na qual criaram as Organizações Tabajara, com o slogan que virou um grande sucesso do programa: “Seus problemas acabaram!” (MEMORIA GLOBO, 2012). “A grande empresa veio para debochar dos anúncios publicitários estrangeiros, com dublagem entusiasta, exibidos nos canais da TV a cabo para vender produtos “mágicos” e nomes em pseudoinglês” (MEMORIA GLOBO, 2016, s/p). Vendia produtos como o “Higienic Paper Remote Control Tabajara”, “Olho Mágico de Caixão Tabajara”, “Meleca Disfarceitor Tabajara”, “Refrigerante Cola Tabajara Diet Light sem Açúcar sem Calorias” (MEMORIA GLOBO, 2016).

Outros personagens e quadros de destaque foram: o Tabajara Futebol Clube – que era uma sátira da crise por que os clubes brasileiros passavam, com os escândalos de corrupção; Os “Sambabacas” – sátira com os grupos de pagode e samba, que só possuíam uma música de sucesso; A “Acarajete Lovve” – sátira das cantoras de “axé music” da Bahia; entre tantos outros (MEMORIA GLOBO, 2016).

O humor feito pelo Casseta & Planeta se liga ao do Porta dos Fundos por essa carga crítica presente em ambos. Esse tom de deboche dos fatos que acontecem no cotidiano, mostrado no vídeo pelo olhar humorístico, mostrando como os comportamentos podem ser ridículos e risíveis.

4.3 CQC

CQC é a sigla do nome “Custe o Que Custar”, é um programa humorístico exibido pela rede Bandeirantes, que começou em 2008, indo até 2015. Baseado no formato argentino “Caiga quien Caiga”, que foi criado por Mario Pergolini e Diego Guebel no ano de 1995, na Argentina. O programa já teve versões na Itália e Espanha. O programa funciona da

seguinte forma: três apresentadores ficam em uma bancada e apresentam as reportagens, fazendo também comentários sobre elas. Um time de repórteres vai à rua, tratar de temas políticos, esportivos e artísticos, com grande carga satírica e humorística, onde brincam com os entrevistados e com as notícias (AOKI, GOLEMBIEWSKI, KRIESER, 2009). As reportagens do programa são editadas, são inseridos efeitos gráficos e sonoros, com o objetivo crítico, ironia e sarcasmo. A missão dos repórteres é perguntar o que ninguém tem coragem (SILVA, 2011).

Formato importado da Argentina, esse programa é liderado por Marcelo Tas que recruta, no cenário nacional, outros humoristas para compor uma equipe em prol de um humor moderno que a crítica, atualmente, considera como inteligente. Numa bancada, os principais do programa (sempre Tas e mais dois humoristas reconhecidos) comentam e criticam os principais fatos do País e do Mundo, da TV e do entretenimento (VALE, s/d, p.5).

No ano de estreia do programa no Brasil, o fato de abordar temas políticos pelo viés humorístico chamou a atenção da imprensa. Foi comparado com o Pânico na TV da RedeTV!. Contudo, esse formato de programa não foi uma inovação do Pânico, Marcelo Tas já fazia isso nos anos 80, quando interpretava o personagem cômico “Ernesto Varela”, e deixava, com suas perguntas, as pessoas constrangidas. Uma das entrevistas que mais gerou repercussão foi quando perguntou ao deputado Paulo Maluf se ele era corrupto (AOKI, GOLEMBIEWSKI, KRIESER, 2009). O Pânico faz deboche mais feroz e físico, enquanto o CQC fica mais na ironia, o Pânico vai mais para o grotesco⁷, muitas vezes com repórteres que mais parecem bufões⁸.

No ano de estreia, o elenco do programa era composto da seguinte forma: Marcelo Tas, Marco Luque e Rafinha Bastos eram os apresentadores; Danilo Gentili, Felipe Andreoli, Oscar Filho e Rafael Cortez eram os repórteres; No ano seguinte, em um concurso, o programa escolheu o 8º integrante, que foi Monica Iozzi. Com o passar dos anos, outras pessoas foram integrando o grupo, enquanto outros o deixavam, foram: Ronald Rios, Maurício Meirelles, Dani Calabresa, Guga Noblat, Lucas Salles e Naty Graciano. No seu último ano no ar, o programa ficou com a apresentação do ator Dan Stulbach. A maior parte do elenco do programa veio do stand up⁹, tais como Rafinha Bastos, Marco Luque e Danilo Gentili (CAETANO, 2011).

⁷ Uso extremo de um humor físico, com deformações do corpo. Chega ao riso pelo ridículo corporal.

⁸ Idem.

⁹ Comédia feita em bares e teatro, onde o comediante só usa o microfone e conta histórias cômicas.

Ao longo do tempo em que ficou no ar, alguns integrantes deixaram o programa, tais como: Danilo Gentili, que começou a comandar na mesma emissora o “talk show” “Agora é Tarde”, que foi sucesso de audiência na faixa da madrugada, batendo o próprio Jô Soares. Fato que chamou a atenção de Sílvio Santos, que o levou para o SBT para comandar o “The Noite”, também um “talk show” das madrugadas. Rafinha Bastos ficou com o comando do “Agora é Tarde” na Band. Mônica Iozzi deixou a Band para ir para a Globo, primeiro foi comentarista do “Big Brother Brasil”, ironizava o que acontecia no programa bem no viés stand up, depois fez uma novela e apresentou o “Vídeo Show”, onde ganhou muito destaque, o que a levou a ser protagonista de uma série da Fernanda Yuong que entrará em breve no ar, com o nome de “Vade-retro” (CAETANO, 2011).

Uma das marcas do programa era o figurino, que era terno e gravata mais óculos escuros. Por este motivo, o grupo foi apelidado de homens de Preto. Os repórteres entregavam óculos escuros para os entrevistados. A mosca também era um dos símbolos dos repórteres (CAETANO, 2011).

O CQC fazia um humor considerado ácido, e o fato de abordar temas políticos gerou muitos conflitos. Ações judiciais foram movidas contra o programa e seus repórteres chegaram a sofrer agressões físicas (CAETANO, 2011).

O caso do humorista Rafinha Bastos ter feito uma piada com a cantora Wanessa Camargo em 2011 foi um dos mais polêmicos, o que acarretou a saída de Rafinha do programa (CAETANO, 2011).

O que os entrevistados falavam também gerou muitas polêmicas. Uma das mais destacadas foi no quadro “O Povo Quer Saber”, em 2011, com o deputado Jair Bolsonaro, que se declarou contra os movimentos homossexuais. Bolsonaro falou que o seu filho teve uma boa educação e a presença do pai, por isso, não corre o risco de se tornar homossexual, e que os desfiles gays são uma promoção de maus costumes. Ao responder à pergunta da cantora Preta Gil, sobre se seu filho se envolvesse com uma garota negra, Bolsonaro disse que não discutira promiscuidade e que seus filhos foram muito bem educados, por isso não existe esse risco. Vários processos foram movidos contra Bolsonaro, por racismo e quebra de decoro, incluindo um da própria Preta (MARTINS, 2012).

Esse fato de gerar discussão na sociedade é um ponto transgressor, ao colocar as pessoas para pensarem e discutirem temas que estão em voga atualmente. Isso se liga ao que o Porta dos Fundos faz atualmente com seus vídeos, que mostram fatos que as pessoas param para pensar e refletir. Transgredir é romper com o padrão de normalidade e fazer as pessoas

pararem para pensar sobre determinado tema. O TV Pirata, o Casseta & Planeta, o CQC e o Porta dos Fundos fizeram e fazem isso, ao satirizar alguma situação, propõem um olhar crítico sobre o mesmo, levando o ser humano à reflexão, por meio de um olhar irônico sobre os acontecimentos.

5 PORTA DOS FUNDOS

“Porta dos Fundos é uma produtora de vídeos de comédia veiculados na internet, em parceria com o site de humor Kibe Loco e a produtora Fondo Filmes” (CARVALHO, 2014). Segundo Guimarães (s/d), o canal Porta dos Fundos foi criado em março de 2012, tendo o primeiro vídeo publicado em agosto deste ano. A ideia inicial dos fundadores do canal foi trazer um humor de qualidade e com liberdade para a internet. O canal surgiu de um grupo de jovens atores e amigos, que buscam nos seus vídeos um humor crítico, livre de censuras. A ideia deu tão certo que, no primeiro semestre de exibição, o canal teve mais de 30 milhões de visualizações registradas.

Antonio Tabet, um dos integrantes do Porta dos Fundos, explica que começou com o site “Kibeloco”, então conheceu o Ian, que fazia o canal “Anões em Chamas”. Conheceram-se porque tinham uns amigos em comum, Tabet tinha uns roteiros e queria fazer os vídeos para colocar no seu canal do YouTube – “Kibeloco” e que o Ian fosse o diretor. Mas o projeto não decolou, em 2011 eles se encontram, e o Tabet propôs de fazerem o “CSI Nova Iguaçu”, que foi um piloto de série feito pelo Ian no canal “Anões em Chamas”, que não teve continuidade. O Ian topou fazer se o Tabet fosse um dos policiais, porque o achava com cara de policial corrupto. Fizeram a série e deu uma repercussão boa, até a Cléo Pires participou de um dos episódios. A partir disso, começaram a planejar outras esquetes, com o objetivo de trazer pessoas que eles se identificam para fazer (CARVALHO, 2014). Assim, foi um dos princípios do Porta dos Fundos. Ian SBF é o diretor das esquetes do canal Porta dos Fundos.

O Porta dos Fundos é uma iniciativa independente de produção audiovisual em comédia. O objetivo do grupo foi reunir pessoas que já eram conhecidas ou tinham algum destaque, diz a atriz do grupo Clarice Falcão, para aproveitar a liberdade do YouTube (WEBER, 2014). “Ao auto definir-se em seu site, o Porta dos Fundos se diz um coletivo criativo que produz conteúdo audiovisual voltado para Web, embora com qualidade de TV e liberdade editorial de Internet” (PORTA DOS FUNDOS, 2014 APUD WEBER, 2014, p. 59).

Em entrevista ao pesquisador, a atriz do Porta dos Fundos, Karina Ramil, também aponta a questão da liberdade editorial:

Acho que o Porta tem mais liberdade pra falar de assuntos que ainda podem ser tabu pra TV, eu vejo que as coisas tem avançado pra todos os lados, mas mesmo assim ainda existe essa diferença. Por serem os próprios donos e estar numa plataforma da internet podemos falar diretamente o que queremos falar, sem ter que "pisar em ovos". Citar nomes, falar de situações que são delicadas e ter tantas opiniões diferentes no mesmo espaço sendo respeitadas e representadas no mesmo espaço, fazem com que o Porta tenha um diferencial. (RAMIL, 2017)¹⁰

Em entrevista ao Programa do Jô, Fábio Porchat conta que, antes de fundar o grupo, o pessoal já era amigo e que o nome do canal veio de uma brincadeira de mímica que eles faziam. O diretor Ian fez uma mímica de uma porta dos fundos, eles acharam muito ruim, então, quando estavam pensando no nome, lembraram-se disso e decidiram colocá-lo.¹¹

O canal Porta dos Fundos possui cinco proprietários, são eles: Fábio Porchat, Gregório Duvivier, João Vicente de Castro, Antônio Tabet e Ian SBF. São pessoas com experiência no ramo das comunicações, sendo atores, diretores ou roteiristas (CARVALHO, 2014). Na sua origem, o grupo possuía o seguinte elenco fixo: Antonio Tabet, Fábio Porchat, Gregório Duvivier, João Vicente de Castro, Luis Lobianco, Clarice Falcão, Gabriel Totoro, Júlia Rabello, Leticia Lima, Marcos Veras, Marcus Majella e Rafael Infante. No decorrer do tempo, alguns integrantes foram deixando o grupo e outros entrando (UOL, TVEFAMOSOS, 2016)¹².

No Brasil, o Porta dos Fundos é o canal com maior número de inscritos do Youtube. Em 2015, o Youtube deu o “Play de Diamante”¹³ para o grupo, que é uma premiação para os criadores de conteúdo que chegam a 10 milhões de inscritos no canal. No Brasil, o Porta foi o primeiro canal a receber essa premiação. No mundo, o Porta dos Fundos é o 18º canal com mais inscrições e, na categoria canais de comédia, é o 5º. Em novembro do

¹⁰ Entrevista concedida por e-mail ao pesquisador em 20 de junho de 2017. Conforme apêndice 2.

¹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NAVSmykG2Ag>>. Acesso em: 12 set. 2016.

¹² Disponível em: <<http://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2015/11/25/em-negociacao-com-record-porchat-diz-que-porta-quer-fortalecer-marca.htm>>. Acesso em: 1 set. 2016.

¹³ “O YouTube possui três níveis de premiação para seus canais. O Play de Prata é concedido para todos os canais que ultrapassam o número de 100 mil inscritos. Acima dele, está o Play de Ouro, conquistado pelos canais com 1 milhão de assinantes. Por último, a premiação máxima, o Play de Diamante que o Porta dos Fundos conseguiu ao cruzar a marca de 10 milhões de inscritos” (UOL, CODIGOFONTE, 2016, s/p).

mesmo ano, o canal bateu recorde de visualizações, chegando a 2 bilhões em todos os vídeos do Youtube (UOL, CODIGOFONTE, 2016)¹⁴.

Os vídeos da trupe são classificados no gênero humor e no formato websérie. De acordo com Machado (2013) são assim classificados por existirem poucos pontos em comum entre os episódios, no caso apenas a autoria, representada pela pessoa jurídica da empresa e o gênero são compartilhados, já que os atores, roteiristas e a direção são aleatórios. Quanto a serialização as narrativas podem assumir três categorias, a primeira se define por uma única história, ou várias partes que se entrelaçam, que se alternam de forma quase linear. A segunda é composta por histórias com enredos autônomos, cada um apresenta começo, meio e fim, repetindo nos episódios seguintes apenas os mesmos protagonistas inseridos em situações diferentes (ZANETTI, 2013). O Porta dos Fundos se encaixa na terceira categoria, com histórias completas em quadros unitários (CARVALHO, 2014, p. 23-24).

De acordo com Carvalho (2014) o canal Porta dos Fundos publica no Youtube dois vídeos por semana, sempre às 11 horas nas segundas-feiras e quintas-feiras. A duração dos vídeos é de aproximadamente 3 minutos, mas ainda há os vídeos especiais que possuem 15 minutos de duração. Em 2014, também começou a publicar vídeos no sábado no mesmo horário dos outros dias (WEBER, 2014). A produtora Porta dos Fundos possui, além do canal principal, mais dois canais, o Fundos da Porta – onde é disponibilizado o “making-off”, bastidores e erros de gravação dos vídeos do canal principal – esse canal entrou no ar em janeiro de 2013. Já o terceiro canal é o Portaria, que tem como objetivo que o elenco do Porta comente os comentários feitos pelos internautas nos vídeos. São escolhidos alguns comentários pela equipe, dos vídeos publicados na semana (CARVALHO, 2014).

Com menos de um ano de existência, o Porta dos Fundos chegou a 1 milhão de inscritos. Em 2012, o canal levou o prêmio “APCA” como Melhor Programa de Humor para TV, estando na internet, fato esse que seus integrantes até ironizam. É uma das premiações com mais tradição em São Paulo, e pela primeira vez foi para um programa na internet (WEBER, 2014).

Em 2016, o canal no YouTube do Porta dos Fundos está com mais de 12 milhões de inscritos. O grupo, além dos vídeos curtos de humor, já produziu três séries com vários episódios, são elas: “O Grande Gonzalez”, “Refém” e “Viral”.¹⁵

Além dos atores que compõem o núcleo e se revezam nos episódios, o humor é o principal elemento agregador dos unitários. O formato também é similar: esquetes com ações que se passam em geral num único espaço e tempo, retratando eventos

¹⁴ Disponível em: <<http://codigofonte.uol.com.br/noticias/porta-dos-fundos-ganha-o-premio-play-de-diamante-do-youtube>>. Acesso em: 1 set. 2016.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/portadosfundos/featured>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

cotidianos, por vezes com diálogos inusitados e situações surreais. O humor sarcástico, característico das comédias stand-up, transforma eventos do cotidiano em cenas absurdas ou extremamente exageradas. Uma pequena vinheta com a logomarca do programa, seguida de uma cena que funciona como um “posfácio” finalizam a esquete. No lado esquerdo da tela, durante essa cena final, surgem janelas pequenas que são hiperlinks para os outros episódios já exibidos (ZANETTI, 2013 apud CARVALHO, 2014, p. 25-26).

Carvalho (2014) salienta que a independência que o Youtube dá aos canais traz autonomia e liberdade de criação para o grupo. Não tendo necessariamente que se preocupar com compromissos comerciais, o grupo pode experimentar, assim, a construção de um estilo próprio, que foi conquistando público na internet, os tonando referências para o humor do século XXI. O ator Rafael Portugal aponta que uma das características do humor produzido pelo Porta dos Fundos é “[...] falar de tudo sem se importar com a censura (dentro de um determinado limite) e fazer as pessoas refletirem com coisas bobas que nunca ninguém tinha falado antes.”¹⁶

“Os vídeos do grupo foram inspirados em produtos já existentes e com formato consolidado na rede. O tipo de humor que produzem foi baseado em outros canais do Youtube, como o College Humor” (CARVALHO, 2014, p. 41). No Brasil, também já havia canais semelhantes ao estilo do Porta dos Fundos, tais como Parafernália, Mundo Canibal, Galo Frito e outros. Contudo, o Porta conseguiu um grande destaque em pouco tempo (CARVALHO, 2014). Weber (2014) salienta que outros canais também já faziam sucesso no Youtube antes do Porta, cita o exemplo do “Comicozinho” que publicava vídeos de humor desde 2010. Também desde 2009, a “TV Quase” publicava seus vídeos humorísticos. Contudo, ressalta que esses vídeos não possuíam as qualidades técnicas do material publicado pelo Porta dos Fundos.

O ator Rafael Portugal aponta a diferença entre o humor de hoje e o antigo, comediantes esses, que inclusive foi fonte de inspiração para ele, diz: “Hoje falamos mais abertamente sobre assuntos velados, sacaneamos nós mesmo, improvisamos, criamos música na hora... a agilidade do dia a dia entrou na comédia também.”¹⁷

O Porta dos Fundos traz em seus vídeos situações do cotidiano, que ora vão para um humor inteligente com pitadas de nonsense e ora chegam a um humor com proximidade do grotesco sexual (VALE, 2015). Segundo o ator Rafael Portugal, “é um humor que fala o que muita gente tinha medo de falar, falamos de política, religião e futebol fazendo a galera

¹⁶ Entrevista concedida pelo ator do Porta dos Fundos, Rafael Portugal, em 12 de junho de 2017. Conforme apêndice 1.

¹⁷ Idem.

rir e isso é o que importa no final”¹⁸. Como, por exemplo, no vídeo “Quem manda”¹⁹, em que a filha traz o namorado para conhecer o pai, enquanto fica só o pai com o cara, esse pai, para amedrontar o futuro genro, se masturba na sua frente, querendo inclusive que este o ajude.

Para Fábio Porchat (2012 apud OAKES, 2012), o sucesso do Porta dos Fundos se dá principalmente pela insatisfação das pessoas perante as limitações que a TV impõe: “Na Internet tudo pode, na TV não. Palavrões, nome próprio e marcas são assuntos que são tratados com muita cautela na TV aberta” Dessa forma, a liberdade da Internet permite que o Porta dos Fundos aborde temas de sua preferência, rotineiros ou polêmicos, de forma descompromissada perante a censura habitual dos meios de comunicação fora da grande rede mundial de computadores (WEBER, 2014, p. 61).

Antônio Tabet aponta que o que caracteriza o Porta dos Fundos é o fato de, mesmo com tamanha liberdade na internet, não produzirem um humor ácido demais e nem escrachado. Pondera que é uma comédia com liberdade, mas também com bom senso (WEBER, 2014). O ator Rafael Portugal²⁰ também aponta isso, segundo ele: “[...] no Porta nós decidimos o que vamos fazer, não existe um diretor para colocar um PIII no que a gente fala. Na TV você não pode falar sobre 90% dos assuntos que falamos no Porta e nem da forma que falamos”. “Não temos rabo preso e não temos receio de falar de certos tabus, mas não derrapamos porque temos bom senso. A gente entende que precisa, eventualmente, fincar bandeiras onde a mídia tradicional não chega, mas com bom gosto” (TABET, 2012 apud OAKES, 2012 apud WEBER, 2014, p. 61).

De acordo com Gregório Duvivier, a inspiração dos vídeos vem de fatos do cotidiano. Os esquetes trazem temas do dia-a-dia, como a relação cliente e consumidor – por exemplo, o vídeo “Spoletto”²¹ – ou a briga de casais, como no vídeo “Pra Mim Chega”²². Como diz o próprio Duvivier, “A vida é um grande material para o humor e a poesia” (DUVIVIER, 2012 apud OAKES, 2012 apud WEBER, 2014).

O canal já gerou polêmicas com os seus vídeos, por exemplo, no fim do ano de 2013, quando publicaram um vídeo intitulado “Especial de Natal”, que despertou a ira de cristãos. No vídeo, são retratadas paródias de passagens bíblicas, com Jesus negociando com os soldados que pregaram-no na cruz e o anjo Gabriel visitando Maria e convencendo José a

¹⁸ Idem.

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0b_l0bE_E9s>. Acesso em: 11 ago. 2016.

²⁰ Entrevista concedida por e-mail ao pesquisador. Conforme apêndice 1.

²¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Un4r52t-cuk>>. Acesso em: 11 ago. 2016. O vídeo mostra como é o atendimento nos estabelecimentos da marca, de forma cômica.

²² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5d4sCg1RZHQ>>. Acesso em: 11 ago 2016. O vídeo retrata os ciúmes de um casal.

aceitar que ela tenha um filho de Deus. Os cristãos protestaram contra o canal e as marcas de que eles fazem merchandising (WEBER, 2014).

5.1 Processo judicial contra o Porta dos Fundos

Em 2014, a juíza Daniela Assumpção de Souza ordenou que fossem removidos dois vídeos do Porta dos Fundos, tendo que ser retirados da Google Brasil. No vídeo que tinha o nome de “Você me conhece”, foi alegado que prejudicava a imagem do candidato Anthony Garotinho. Como o candidato foi derrotado no primeiro turno das eleições, às quais concorria para o cargo de governador do Rio de Janeiro, os vídeos foram novamente liberados no YouTube, site de responsabilidade da Google (ALVES, 2015).

O vídeo mostra(sic) faz uma paródia de uma propaganda eleitoral na TV. Um candidato fictício aponta uma arma para um homem e diz: ‘Assim que eleito, prometo soltar o Marcelo sem nenhuma sequelas’. O personagem finaliza o vídeo dizendo ‘Para governador, Garotinho’. O vídeo ‘Zona Eleitoral’ também volta ao ar. O esquete mostra um candidato insatisfeito com todos os candidatos que aparecem na urna eletrônica. Após muitas tentativas, digita 666 (número associado ao diabo) e diz: ‘Putá que pariu, votei no Garotinho’ (ALVES, 2015, p. 163).

Com uma liminar concedida pelo desembargador Abel Fernandes Gomes, do TER-RJ, foi permitido o retorno dos vídeos, pois os vídeos não tinham mais potencial de interferir na eleição (ALVES, 2015).

6 UMA BREVE ABORDAGEM DO TERMO “POLITICAMENTE CORRETO”

O termo “politicamente correto” está em pauta no séc. XXI, pela grande proliferação do estilo de comédia stand-up no País e no mundo, bem como com o surgimento de diversos comediantes, cada qual com sua personalidade, tratando no palco sobre diversos temas e pessoas. Com isso, vários comediantes brasileiros, como, por exemplo, o Rafinha Bastos já foram processados judicialmente. Este termo, o “politicamente correto”, é repleto de polêmicas, pois, enquanto uns o defendem como uma forma de defesa da minoria, outros o rechaçam, tachando-o como uma forma de censura e reforço de preconceitos e visões estereotipadas. Como aponta ALVES (2015.p33): “Por outro lado, o direito à liberdade de expressão não é absoluto, pois são defesos por lei qualquer propaganda a favor da guerra, o discurso e apologia ao ódio, a incitação à violência ou ao delito e qualquer tipo de discriminação”.

Para Alves (2015, p.33), “o humor abrange o estado de espírito e o temperamento do indivíduo e o humorista geralmente utiliza-se do cotidiano e do meio cultural em que está inserido para fazer rir sua plateia”. No entanto, a questão envolve muitos lados, e deve-se pensar sobre o que e como deve ser dito na realização de um show de stand-up ou em um vídeo publicado na internet, pois, mesmo que inconscientemente, o humorista emite um posicionamento ideológico. Mesmo que alguns humoristas digam que é apenas uma piada, isso isoladamente não consegue explicar toda a questão que se vem à tona.

O trabalho feito por Alves (2015) faz um levantamento dos casos que foram a júri, ocorridos nos EUA, sobre a questão da censura em obras de literatura, filmes, revistas etc. Neste trabalho, o autor faz um paralelo entre as constituições estadunidense e brasileira, para então chegar ao caso dos processos contra o Porta dos Fundos e o humorista Rafinha Bastos, passando também pelo caso do jornal “Charlie Hebdo”.

A Constituição estadunidense foi elaborada para proteger os direitos individuais. Com isso, a Suprema Corte Americana julgou diversos casos, onde o tema central envolvia o discurso obsceno e a liberdade de expressão e imprensa. Obras com conteúdo “entendido” como obsceno eram censuradas nos Estados Unidos; (ALVES, 2015) “[...] assim ocorreu com a obra *Ulisses*, tendo a sociedade nova-iorquina se manifestado no sentido de proibir a obra pelo fato de o personagem principal, em determinado ponto do romance, masturbar-se, sendo isso inadmissível para a sociedade da época [...]” (ALVES, 2015, p. 136). Com isso, houve a adoção por um tempo do teste “Hicklin”, que censurava obras literárias:

Foi, para isso, adotado o teste Hicklin, que determinava a censura nos seguintes termos: “Se a tendência do material acusado de obscenidade é corromper aqueles cujas mentes estão abertas a tais influências imorais e em cujas mãos uma publicação deste tipo pode cair”, fazendo referência a crianças e pessoas com problemas mentais. Nesse mesmo sentido, comentou o juiz da Suprema Corte Estadunidense, Felix Frankfurter: “O efeito deste critério é a redução das possibilidades de leitura de toda a população adulta ao que é feito para crianças” (SUPREME..., 1957 apud ALVES, 2015, p. 136).

Com isso, percebe-se que o tema transgressão dos valores de determinada sociedade gera discussões em diversos contextos. Todavia, o historiador Georges Minois (2003) destaca que, a partir do fim do século V a.C., o riso grego passou por um processo de intelectualização e refinamento. “O riso descontrolado e transgressor de outrora passou a ser alvo de inúmeras críticas e repressões” (FERREIRA, 2012, p.15). Assim, aproximando um pouco de nosso contexto nacional, o tema “politicamente correto” é apenas uma nomenclatura para uma “censura” que sempre existiu na sociedade. Contudo, o termo censura faz lembrar

ditadura – porque, naquela época, a censura era clara, enquanto atualmente, mesmo que vivamos em uma “democracia”, existe uma “extrema” censura velada, talvez até mais forte do que na época da ditadura. Na disciplina de “Ética, legislação e produção teatral” (2017), o pesquisador fez uma entrevista com a atriz Grace Gianoukas, e ela disse uma frase do Goethe: “o caráter de um homem se mede pelas coisas que ele acha engraçado”. “Mas hoje a sociedade está de pé, todos os movimentos de minoria estão organizado”, o humorista tem a liberdade de dizer o que quiser no palco, mas está sujeito a ser enfrentado e processado por algum movimento. “A comédia traduz os pensamentos variados que tem no país”. Fato é que vemos o humor colocar assuntos para serem discutidos pela sociedade, onde são apontados os prós e os contras e, assim, podemos ir evoluindo nos debates sobre o tema.

A censura na Constituição brasileira, segundo Alves (2015), já aparece no século XIX, quando D. Pedro I dá um golpe de Estado, proclamando uma Constituição que dá liberdade de expressão, mas ao mesmo tempo insere que as pessoas terão que arcar com as suas declarações. A Constituição da República repete o mesmo texto, ou seja, que as pessoas possuem liberdade de expressão, mas terão que responder pelos abusos. Em 1934, uma nova Constituição coloca censura em espetáculos e diversões públicas. Já em 1937, a censura é adotada definitivamente, com isso, ao mesmo tempo em que é concedido um direito, este é cerceado por limites (ALVES, 2015).

A 5ª constituição de 1946 restabelece os direitos, mas o presidente Eurico Gaspar Dutra ignora o que está disposto. Em 1967, temos uma Constituição mais abrangente, sendo que esta foi criada no governo militar. Ela garante a liberdade de pensamento, mas, com a criação da lei Nº 5250, do mesmo ano, com a meta de regulamentar a imprensa, restringe a liberdade, voltando com o termo “pelo abuso que cometer, será responsabilizado”, de modo que os espetáculos continuam censurados. Na última Constituição, de 1988, conhecida como “Constituição Cidadã”, consta a proteção dos direitos e garantias individuais (ALVES, 2015).

Podemos perceber, com a análise das inúmeras constituições que o país teve ao longo da sua história, que, mesmo quando estava disposta uma liberdade de expressão, essa era limitada de alguma forma, seja com um acréscimo no texto constitucional ou mesmo com a criação de uma lei complementar. Com isso, podemos inferir que o politicamente correto acompanha a história brasileira, como também a própria história da humanidade.

Politicamente incorreto é fazer, falar e agir de forma diversa dos limites psicológicos e culturais impostos pela sociedade. O comportamento do politicamente correto é moldado conforme a aceitação da sociedade na utilização de termos, constituindo parâmetros de comparação em temas “sensíveis”, ou seja, temas considerados tabus

por tratarem de forma diferente a minoria, que não é igual ao restante da sociedade. Caso não houvesse diferenças, não seria visto como minoria e, sim, parte integrante da complexa sociedade. Dessa forma, ao evitar falar em certos assuntos referentes às diferenças das minorias, afirma-se isonomia aos desiguais, o que nem sempre é aceito por alguns (ALVES, 2015, p. 145).

A questão do termo “politicamente incorreto” está presente nos vídeos do Porta dos Fundos, pois eles abordam temas polêmicos, tabus para a sociedade. Ao mesmo tempo em que desconstróem mitos e ídolos, como, por exemplo, nos vídeos que lidam com os pastores evangélicos ou nos que contam fatos bíblicos pelo viés cômico, esses vídeos possuem inúmeros comentários, sejam a favor ou contra. Então, a pergunta é: Deve existir limite ou os humoristas são livres para fazer humor de tudo? Isso é uma das discussões que movem o movimento do politicamente correto, que quer impor barreiras ao humor.

Alves (2015) salienta que com a liberdade de expressão que a Constituição permite, se o humorista a exerce totalmente, seu humor é apontado como politicamente incorreto. Contudo, ao retratar as minorias nos shows de stand-up, o objetivo não é se mostrar superior, mas apontar diferenças e peculiaridades que cada grupo ou indivíduo possui. Para tal, o comediante de stand-up usa várias figuras de linguagem, o que pode gerar diferentes sentidos para cada espectador. Um exemplo é por meio da ironia, que consiste em inverter o sentido do que se fala, com objetivo de satirizar. “De acordo com Pires (1981), existem três tipos de ironia: o asteísmo (quando louva), o sarcasmo (quando zomba) e a antífrase (quando engrandece ideias funestas, erradas, fora de propósito, e quando se faz uso carinhoso de termos ofensivos)” (ALVES, 2015, p. 145-146).

O maior uso do termo “politicamente correto” no séc. XXI tem a ver com a ascensão de classes minoritárias²³, como os negros e os gays, que geram um mal-estar ao expor estas em público, devido a todo histórico de sofrimento das mesmas. Outrossim, na luta por direitos, essas classes vem se “blindando”, com o objetivo de se manterem esses mesmos direitos e não serem motivo de risos (ALVES, 2015).

Alves (2015) profere que, há alguns anos, no Brasil, os programas de TV tinham total liberdade na criação humorística, para isso usavam a estrutura da comédia como a antítese, apóstrofe, paradoxo, gradação, eufemismo, hipérbole, ironia, prosopopeia e perífrase. Também usavam das figuras de palavra como comparação, metáfora, metonímia, sinédoque, catacrese, sinestesia, antonomásia e alegoria. Por exemplo, o grupo Os Trapalhões, que

²³ Minoritárias também no sentido que sofreram por séculos preconceito e perseguição.

ridiculizava tanto a minoria como a maioria. A construção do humor se baseava em estereótipos, mas não era visto como uma forma de preconceito.

Segundo Bruno Dallare²⁴, considera-se o movimento do politicamente correto como autoritário, arbitrário e cerceador, além de questionar qual a melhor forma de se referenciar aos negros, idosos e homossexuais, quais devem ser as palavras certas para não ofendê-los. O movimento do politicamente correto nasceu na década de 70 nos EUA, ganhando força nas universidades estadunidenses a partir dos anos 80, fazendo parte da política de luta pelos direitos civis. Dez anos depois, chega ao Brasil, trazendo como eixo a exclusão de certos vocabulários para evitar ações preconceituosas em relação idade, orientação sexual, condição social e física, raça ou gênero. Essa questão mexe muito com quem trabalha com a palavra, como, por exemplo, os escritores, músicos, intelectuais e os humoristas de stand-up. Dallare diz: “Ele provoca efeito contrário ao que defende. Ao seguir regras, a pessoa perde a naturalidade e se distancia do interlocutor”. Técnicos da Embratur criaram as expressões “terceira idade” e “melhor idade” para nomear pacotes de viagens para os idosos, tendo como objetivo o mascaramento da velhice, tudo com base em uma jogada de marketing para atrair clientes. Já existem profissionais de turismo, inclusive, usando a expressão “suave idade”. Dallare questiona se essa realmente é a fase mais suave da vida, apontando que ocorre uma falta de bom senso na proposição desses termos (ALVES, 2015).

O politicamente correto acabou tornando-se um termômetro moral da atualidade, que, em nome do bem-estar social, extirpa a criatividade e o conteúdo da sociedade da informação. Nesse contexto, “algumas campanhas publicitárias lendárias, como a da menina de 12 anos que veste seu primeiro sutiã – ‘o que não se esquece’ –, hoje seriam inimagináveis” (OLIVETTO apud BARBOSA, 2014). Dessa forma, o conteúdo humorístico, bem como as peças publicitárias, deve ser repensado ao crivo do politicamente correto (in ALVES, 2015, p. 150).

O editor do jornal “Charlie Hebdo”, “Charbonnier”, que sofreu um atentado em 2015²⁵, afirma que “A liberdade de dar uma boa risada é tão importante quanto à liberdade de expressão” (ALVES, 2015). Assim, muitas pessoas que trabalham com humor, no caso mais especificamente do stand up, questionam as barreiras impostas pelo politicamente correto, se é constitucional ou não.

Alves (2015) ressalta que existem limites para a liberdade de expressão, pois esse direito não é válido quando alguém quer apenas zombar de outra pessoa, denegrindo sua imagem.

²⁴ Professor de linguística da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) (ALVES, 2015).

²⁵ O jornal sofreu um atentado por publicar charges do profeta Maomé. (ALVES, 2015)

A liberdade de expressão é ambígua, pois o que é para um lugar, pode não ser para outro, de acordo com a cultura deste. Assim, essa questão é um ponto muito sensível no mundo, que pode levar a conflitos como no caso dos ataques ao jornal “Charlie Hebdo”. Por outro lado, devemos olhar todo o histórico desse jornal, como ele propunha as suas charges, e como isso é encarado pela cultura mulçumana. O que está em jogo em toda essa questão, devendo considerar o país em que o jornal está localizado, a França, como também o que os EUA, Europa e cia vem fazendo no mundo árabe por causa do petróleo. Não simplesmente colocando os árabes como vilões, o que é o desejo dos líderes estadunidenses e europeus, para convencer a opinião pública. Por isso, sempre teremos dois ou mais lados na questão, e ambos devem ser ouvidos para tentarmos chegar a um ponto que agrade a ambos.

A Constituição Federal, em seu art. 5º, incisos V e X, contempla a possibilidade de indenização pelo dano material ou moral decorrente da violação da intimidade, da vida privada, da honra e da imagem. Por sua vez, o Código Civil, em seus arts. 186 e 927, prescreve a ocorrência de ato ilícito por dano moral e a obrigação de repará-lo. Dessa forma, o que a Constituição tutela é o princípio da dignidade da pessoa humana (ALVES, 2015, p. 159).

No caso em que o humorista de stand up Rafinha Bastos foi processado pela APAE de São Paulo, pois esta via que o humorista denegria a imagem das pessoas que a frequentavam, Rafinha argumentou que o humor possui proteção constitucional e não deve ser alvo de censura ou repressão, pois suas piadas não refletem sua opinião, porque o único objetivo é fazer rir. Sobre a decisão, o magistrado questionou o que é o humor e se o estado tem o direito de interferir na liberdade de expressão (ALVES, 2015). “Fazendo um comparativo, referenciou-se à jurisprudência americana, quando o juiz Potter Stewart julgou um caso sobre a obscenidade, dizendo: ‘Eu não consigo definir a obscenidade e talvez eu nunca consiga. Mas eu sei o que é quando a vejo’” (TJSP, 2014 apud ALVES, 2015, p. 160).

A vedação ou limitação ao humor esbarra em valores constitucionalmente garantidos e direitos fundamentais, tais como a liberdade de manifestação do pensamento (artigo 5º, IV, da Constituição Federal), da expressão da atividade artística (inciso IX) independentemente de censura ou licença, bem como o livre exercício da profissão (nas hipóteses de comediante profissional). O humor tem como uma das suas finalidades a diversão e, não raro, é marcado pela descontração; vale-se do exagero, da hipérbole e do absurdo para provocar o riso; é uma constatação banal, mas que deve ser tomada como premissa no caso dos autos, pois é absolutamente inadequado interpretar uma piada no seu sentido literal, tal como pretendido pela associação autora (TJSP, 2014 apud ALVES, 2015, p. 161).

Com a transformação da sociedade, os valores que no passado estavam dissipados como normais, atualmente no séc. XXI, com o excesso de moralidade exacerbada e o

conservadorismo que vem se espalhando pelo mundo, esses valores são vistos como negativos, como, por exemplo, o caso do Mussum, do grupo Os Trapalhões, que não se via prejudicado ao ter sua figura associada à de um cachaceiro ou macaco (ALVES, 2015). No entanto, isso depende muito de como será repercutido na sociedade, atualmente, pois as minorias sofreram por séculos e ainda sofrem. Por isso, atualmente, existe um “grande sensor”, em cima de um produto lançado, principalmente pela proporção que as redes sociais tomaram. Um vídeo lançado pelo Porta dos Fundos repercute em questão de minutos, gerando posições favoráveis e contrárias a tal. Há ONGs, inclusive, que lutam pelo direito das minorias, que entram com ações na justiça contra o canal ou humoristas. Soma-se a isso o fato de as pessoas, às vezes, só pegarem parte do discurso observado e passarem a acreditar que aquilo é verdade absoluta. Isso acaba por disseminar/reafirmar preconceitos e ideias “tortas” sobre as questões de raça, gênero, orientação sexual, condição física e social, dentre outras.

Profere Alves (2015) que o movimento politicamente correto é muito criticado pelos humoristas, pois o veem com um moralismo exacerbado, dizendo que o humor faz parte das culturas locais e que cada um a seu modo tem uma forma de contar a piada e que esta faz parte dessas comunidades há séculos. Por exemplo, os humoristas do Nordeste, que têm seu jeito característico de contar a piada, com o sotaque peculiar da região.

A sociedade não é monolítica, no mundo existem regiões extremamente diversas umas das outras e, mesmo dentro de uma mesma região, as pessoas são muito diferentes, o que torna o mundo mais rico culturalmente: “Assim, à medida que se limita ou até restringe a liberdade de expressão, acaba-se com a criatividade, os pensamentos e expressões são amordaçados e o conteúdo cultural da sociedade da informação fica mitigado em nome do politicamente correto” (ALVES, 2015, p. 165).

O humor é justamente o mais sublime senso de liberdade de expressão, porque admite tudo em nome das gargalhadas. Se rir é o melhor remédio, por que não rir do cotidiano, dos erros e acertos, suavizando o percurso do dia a dia? Censurar o humor é perder a essência natural da liberdade, pois ele admite críticas, ponderações, oposições, além de exprimir sinceridade e verdade, uma verdade pura, comedida de sensibilidade ao expressar de forma inteligente a constatação da realidade que não pode ser vista ou é ignorada na formalidade estreita (ALVES, 2015, p. 165).

A atriz do Porta dos Fundos, Karina Ramil, pondera que a internet é uma terra sem donos, dando liberdade para surgir inúmeras propostas de trabalhos, seja positivo ou negativo. Aponta que os brasileiros têm usado bastante a internet, e que o humor aborda os acontecimentos em tempo real. O pensamento crítico está se expandindo, segundo ela, mas a liberdade de expressão ainda produz fatos desagradáveis, mas faz parte da sua gênese. “[...]”

Contanto que não estejam reprimindo e sendo preconceituosos com minorias, acho quase tudo válido. Eu penso que o humor é a melhor forma de lidar com as coisas e acho que a internet estimula isso [...]” A internet coloca milhões de pessoas diferentes em contato, e, por conseguinte, mostra como cada uma vê o mundo.²⁶

Segundo Karina Ramil, acerca do politicamente correto, passamos por um momento de grande reflexão. Para ela, as pessoas tem limites, e tem certas formas que o humor não fica bacana. “[...] Eu não faço piada com minoria, por exemplo. Acho isso uma coisa velha, tem tanto assunto diferente, por que bater sempre na mesma tecla?”.²⁷

A questão do termo politicamente correto permeia a discussão sobre o Porta dos Fundos, devido ao fato de alguns vídeos do canal terem sido removidos por processo, como já foi evidenciado anteriormente e pelo fato de o humor produzido pelo grupo gerar muita discussão em diversos espaços, tanto a favor como contra. Basta observar os comentários nos vídeos do canal, que vão de elogios a ofensas. Nos seus vídeos, o grupo lida com temas sensíveis, como Deus, religião, política etc; e, como propõe uma desconstrução do tema, abordando-o por um ângulo muitas vezes não pensado ainda, gera um estranhamento no público, um incômodo. Essa é a questão do limite, do que se deve ou não dizer ou fazer, e por que não fazer. Qual o limite? Existe esse limite? Deve haver censura? Quais temas podem ser abordados? Existe limite para a comédia? Questões que devem fazer parte do cotidiano de quem trabalha com o humor.

7 A TRANSGRESSÃO NOS VÍDEOS DO PORTA DOS FUNDOS

O ato de transgredir é passar além de alguma coisa, atravessar, desobedecer, infringir, violar, quebrar. A transgressão é quando ocorrem ações que contrariam uma regra ou um padrão de uma sociedade. Isso pode ocorrer pelo desejo de romper essas normas ou pelo desconhecimento delas (FERREIRA, 2013).

O Porta dos Fundos faz isso nos vídeos, ao propor um outro olhar para os fatos, muitas vezes, desconstruindo imagens e mitos. Como por exemplo, no caso do vídeo “Deus”²⁸, que traz que o verdadeiro Deus é o de uma tribo da Polinésia. O ator que representa esse Deus, vem com um figurino tribal, sendo esse Deus muito irônico, principalmente com

²⁶ Entrevista concedida por e-mail ao pesquisador, em 20 jun. 2017. Conforme apêndice 2.

²⁷ Entrevista concedida por e-mail ao pesquisador, em 20 jun. 2017. Conforme apêndice 2.

²⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t11JYaJcpxg>>. Acesso em: 1 set. 2016.

os princípios da igreja católica. E como a moça que morreu não seguia a religião dos polinésios, ela não poderá entrar no paraíso. Mas ao final, a moça faz um pedido, que quando o Malafaia (Pastor) morrer, se ela pode vir contar isso para ele. Nisso, temos a crítica ao que prega o catolicismo e também a uma figura pública, que é o Pastor Silas Malafaia. O vídeo, ao tocar em temas sagrados para essas religiões, faz um deboche irônico desses princípios, através da desconstrução da figura do Deus cristão.

A noção de transgressão pressupõe desobediência, seja em relação a qualquer temas- preceitos morais, religiosos, quebra de costumes e padrões sociais. É uma ruptura com o espaço social, que é cerceado por regras, seguidas pelos membros dessa sociedade (FERREIRA, 2013). É como se toda aquela sociedade seguisse uma linha reta, viesse um indivíduo e fizesse uma curva, um desvio, no padrão comportamental que predomina, mostrando outras possibilidades de se enxergar os fatos, comportamentos, entidades religiosas, políticas e econômicas, entre outras coisas.

8 ANÁLISE DOS VÍDEOS DO CANAL PORTA DOS FUNDOS

O critério de escolha dos vídeos, como dito inicialmente, ocorreu a partir de apreciar e identificar uma noção transgressiva presente neles, isto é, vídeos com uma qualidade de humor que propunham criticar especificamente o comportamento social das pessoas e de uma celebridade, promovendo um rompimento aos padrões convencionais estabelecidos. Os vídeos selecionados foram: “Sobre a mesa”, “Academia” e “Xuxa Meneghel”. A análise descritiva dos vídeos acima citados, tenta demonstrar a noção transgressiva com base nos teóricos e estudiosos sobre o riso: Bergson e Propp.

8.1 Sobre a Mesa²⁹

Antes de ler a transcrição do vídeo e a sua análise, recomenda-se que o leitor entre no link na nota de rodapé e veja o vídeo na íntegra, para formar sua opinião, e depois ver a opinião do autor da pesquisa sobre o mesmo vídeo e, a partir disso, poder também se posicionar a partir da comparação entre ambas.

²⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6EYmKAs7mzc>>. Acesso em: 1 set. 2016.

O texto que reproduzimos abaixo é uma transcrição do vídeo, a partir de assistir o mesmo. A Odete é feita pela Júlia Rabelo e o Mario Alberto pelo Antônio Tabet. A publicação do vídeo foi em 10 de setembro de 2012.

O vídeo começa com um casal sentado à mesa, estão comendo, o homem está mexendo no celular.

Homem: O que tem de sobremesa, Odete?³⁰

Odete: Abacaxi.

Homem: (Para de mexer no celular) Abacaxi?

Odete: Ah, tem tangerina também.

Homem: Oh, Odete... Do jeito que tá pra mim não dá. Eu saio dessa casa às 6 da manhã, todo dia, e vou trabalhar igual a um condenado, e tudo que eu espero, quando eu volto pra jantar em casa, é que tenha uma porcaria de uma sobremesa. Pode ser um pudim. Uma porcaria de um pudim. Não dois, um pudim. Não precisa ser um pudim, se você não gostar de um pudim. Pode ser outra coisa. Você gosta de outra coisa? Sei lá... Quer um sorvete, o que você quer?

Odete: O que eu quero, Mario Alberto?

Mario Alberto: É, Odete. O que você quer?

Até aqui pensamos que será uma conversa de casal normal, do cotidiano, pois, pelo contexto que percebemos, é de um casal na hora do jantar conversando depois de um dia de trabalho. Contudo, com a resposta da Odete, temos uma quebra, uma surpresa inusitada na linguagem verbal, o discurso verbal exagerado que produz o elemento cômico transgressor de conteúdo do vídeo, pois ocorre uma quebra de padrão social imposto à figura da mulher casada e dona de casa, produzindo inesperadamente um discurso verbal inapropriado para a mulher dona de casa, submissa e “recatada do lar”. Bergson (2001) explica que a comicidade é como uma reta transversal que passa sobre uma horizontal, ou seja, temos um corte do padrão de normalidade. Propp (1992) também salienta que a piada funciona pelo seu conteúdo inesperado.

Odete: Bom o que eu quero é... Foder, Mario Alberto. Eu quero foder. Agora você repara que eu não falei fazer amor, eu não falei transar. Eu não falei fazer “nheco nheco”... Eu falei foder. Foder. Agora, eu não quero foder só com você. Eu quero foder com seu chefe, com o meu *personal trainer*. Eu quero foder com o Malvino Salvador. Eu

³⁰ Diálogo do vídeo está em negrito.

quero foder com o George Clooney. Eu quero foder com aquele menino que faz piadas na internet. Eu quero foder com o time da Nigéria, com o exército de Israel, até com o Toinho, o porteiro. Quem sabe até com o seu irmão, Mario Alberto! Mas eu não quero um de cada vez. Eu quero todos ao mesmo tempo. Eu quero levar surra de piroca até semana que vem. Eu quero ficar com o queixo pra dentro que nem Noel Rosa, sabe? De tanto levar saco aqui no queixo sem conseguir falar... Eu quero ficar tão larga que... Qual é mesmo o nome daquele nadador? Aquele menino comprido?

Mário Alberto: O Phelps?

Odete: Isso, o Phelps! Eu quero ficar tão larga que o Phelps vai enfiar o cotovelo assim, dobrado dentro de mim, e eu não vou nem sentir, porque eu vou tá o quê... Extasiada, entendeu? E eu quero tudo de luz acesa. Porque eu quero ver aquele banho de sêmen. Sêmen é o caralho, né, Mario Alberto? É porra, banho de porra mesmo. Você sabe, bukkake? Coloca no Google que você vai saber o que é. Eu quero levantar que nem um boneco de cera, sabe? Pingando, assim, derretendo... Depois eu vou querer um repeteco. Eu quero escalavrar a buceta. Eu quero levar cutucada no colo do útero, entendeu? E depois eu vou querer dar o troco, passar recibo. Eu vou querer que me chame de putinha, de vaca, de vadia, de cachorra, e depois de putinha de novo. E, por fim, para terminar com tudo isso, eu vou esmerilhar a chapeleta de geral para limpar a bagunça e, no dia seguinte, eu vou acordar puída, assada que nem um fantoche velho. É isso que eu quero, Mario Alberto. E você?

Mario Alberto: (Sem graça) Eu quero a tangerina.

Odete: (Comendo) Hum... Só não tá gelada, tá?

(Vem a vinheta do programa, que está em todos os vídeos do canal).

Ao longo do que ela vai falando a respeito dos seus desejos, o marido vai ficando sem reação. Ao final, traz a sensação ao marido de ficar sem saber o que dizer. Ela o surpreende, pois, na nossa sociedade, a mulher, principalmente a casada e dona de casa, é tida como “santa”, a intocada. O vídeo pode ser visto como uma crítica a esse comportamento esperado da mulher, de exemplar, boa mãe, boa esposa, símbolo da família feliz, a “família Doriana” do comercial.

A questão da acumulação, a bola de neve apontada por Bergson (2001), ou seja, o efeito dominó – “um visitante entra precipitadamente num salão, empurra uma senhora, que derruba sua xícara de chá sobre um velho senhor...” e assim continua o movimento. Isso também está presente no desejo sexual da personagem Odete, que vai aumentando até chegar

ao ápice, que é o Phelps enfiar o cotovelo dentro dela. Enquanto o exemplo de Bergson está na ação física, o da personagem Odete está na narrativa e na construção imaginativa que o marido e o público fazem.

O riso pelas partes do corpo, somado com a criação de uma história fantástica que quebra com uma ordem social (PROPP, 1992), pois a personagem Odete começa a contar seu desejo sexual em gradação e chega a um ponto em que a história fica fantástica, ou seja, praticamente impossível na vida real. Seja das transformações que ela fala que o corpo dela vai sofrer, como o queixo ficar parecido com o Noel Rosa de tanto transar e o ato sexual ser com todos ao mesmo tempo. A quebra da ordem social, por ser uma mulher falando de sexo, como se fosse um homem. Fato que já foi enfocado anteriormente.

A situação finaliza com a Odete perguntando ao marido o que ele quer, de modo que ele responde tangerina, assim temos o retorno ao ponto de partida (BERGSON, 2001), ou seja, depois de toda a confusão, a vida segue, e isso gera o cômico, pois, enquanto a Odete propõe algo grandioso nos seus desejos sexuais, retornam ao jantar rotineiro de casal.

Após a vinheta do programa, temos a personagem Odete olhando para a câmera, como se estivesse falando com o público, e dizendo algo semelhante ao que disse para o marido. Nesse ponto, vemos uma das características do humor feito pelos comediantes stand-up e pelos palhaços, que é o olhar para o público, como se fosse a quebra da quarta parede, mostrando que o personagem sabe que está sendo assistido.

Odete: Sabe o que eu vou fazer com que se inscrever aqui, Carlos Alberto³¹? Eu vou chamear a buça todinha na cara dele que nem eu fiz com o Ian SBF. Sabe o que mais? Depois que ele se inscrever, Carlos Alberto, ele vai poder entrar no meu canal na hora que ele quiser. Eu quero que o Gustavo Chagas acabe comigo. Eu quero que o meu reto passe a se chamar torto, depois que ele e o João Paulo se embrenharem nele. E eu prometo, se o Antônio Tabet favoritar esse vídeo, eu, a Nataly Mega e a Marília Tapajós vamos fazer uma ménage a “quatre” com ele. Sabe o que é “quatre”, Carlos Alberto? A Luanne Araújo com certeza sabe... Enfim, é isso que eu quero, Carlos Alberto.

Ocorre uma quebra no raciocínio lógico, pois pensa-se que será uma discussão de casal normal, mas com a Odete falando dos seus desejos sexuais, transgride com a imagem da dona de casa subserviente ao marido, quando ele chega em casa, após um dia de trabalho.

³¹ Aqui a personagem passa a chamar o marido, que antes era Mario Alberto de Carlos Alberto.

Um outro ponto de transgressão é naturalidade com que a personagem fala, como se aquilo que ela diz fosse o mais normal do mundo. Em contraponto temos o olhar dela de ironia e sarcasmo. Como se a própria personagem risse disso tudo.

O humor também vem da comparação que a personagem faz com figuras públicas, como por exemplo, o nadador “Michael Phelps”, quando ela diz “Eu quero ficar tão larga que o Phelps vai enfiar o cotovelo assim, dobrado dentro de mim, e eu não vou nem sentir, porque eu vou tá o que... Extasiada, entendeu?”. Da personagem também falar de querer foder com o time da Nigéria, o exército de Israel, o Malvino Salvador, o porteiro Toinho e muitos outros, arrematando que seria com todos ao mesmo tempo, levando o público a imaginar uma situação extremamente absurda, longe da realidade, o que produz o ris em virtude de imaginar o quão ridícula pode ser a cena sugerida pela personagem.

Quando a personagem fala: “E depois eu vou querer dar o troco, passar recibo. Eu vou querer que me chame de putinha, de vaca, de vadia, de cachorra, e depois de putinha de novo. E por fim para terminar com tudo isso, eu vou esmerilhar a chapeleta de geral para limpar a bagunça. E no dia seguinte eu vou acordar puída, assada que nem um fantoche velho”, traz a questão da mulher que sai com muitos homens sofrer preconceito e ser tachada desses apelidos que a personagem diz. Aqui temos uma crítica pelo viés humorístico ao machismo presente na sociedade. Enquanto o homem pode tudo, a mulher é cerceada por várias regras comportamentais desde criança.

Dessa forma, o humor é construído a partir de um ato cotidiano, que é o jantar em família, uma conversa de casal. A partir do inconformismo da mulher em relação à sua função no casal e ao seu relacionamento com o marido, ela diz o que realmente quer. Quando o marido reclama da sobremesa e pergunta o que ela quer, a mulher vê uma chance de se expressar, sendo que aqui é um humor por contradição, pois o homem estava se referindo a uma sobremesa, e a mulher entende o que ela quer para a vida.

8.2 Academia³²

O vídeo foi postado em 3 de maio de 2014, o elenco do vídeo é formado por Antônio Tabet, Julia Rabello e Letícia Lima. A cena se passa em uma academia.

Um casal chega à academia com o objetivo de ver o preço da matrícula e fala com uma atendente:

³² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mXANY0TIUTk>>. Acesso em: 5 set. 2016.

Atendente: Olá! Bem-vindos à “BaryClub”, posso ajudar?

Homem: Pode. A gente queria ver preço de matrícula... Mensalidades, essas coisas.

Atendente: Ah, tá. Temos todos os planos aqui.

Homem: Ah, que ótimo. Na verdade, eu tô querendo treinar segunda... quarta...

Atendente: Desculpa... Desculpa, o senhor disse treinar... O senhor não vai treinar, vai, no máximo, malhar, né? Porque é até meio ridículo falar treinar no seu caso. Ninguém acorda gordinho ansioso num dia e, só porque se inscreveu numa academia, virou centroavante do Vasco.

Homem: Gente!?

Atendente: É true fitness, na verdade sem enrolação.

Mulher: É, eu tô vendo que você tem aqui uns pacotes só pra mulheres.

Atendente: Temos, temos sim. Temos o plano cavala, cavala plus e cavala premium.

Mulher: Eu só posso fazer cavala?

Atendente: Só pode fazer a cavala, porque o cadelona acabou no verão.

Homem: E como é esse cavala?

Atendente: Então, o plano cavala, ele trabalha série de quê? De cu... O plano cavala plus trabalha série de cu, mais virilha sarada/torneada. O prêmio cavala premium trabalha série de cu, mais virilha sarada e tem um bônus do hormoniozinho da voz da Panicat.

Mulher: Como é que é essa voz de Panicat?

Atendente: É voz de pato. Essa voz de traveco, fórmula 1...

Mulher: Ah, tá.

Nesse ponto temos uma grande carga crítica ao parodiar os planos que geralmente as academias apresentam para os clientes. O fato de o nome do plano ser “cavala” já desperta um estranhamento grotesco. Depois, a atendente conta que, no verão passado, havia um plano que se chamava cadelona. Temos uma crítica aqui à figura feminina, em como a mulher é vista pelo homem, na comparação com animais; e a comparação com animais é um dos pontos que levam ao riso, como aponta Bergson (1987) e Propp (1992).

A questão do uso da palavra “cu”, também gera risos, pois vamos para o “fantástico” (PROPP, 1992), que já foi evidenciado no vídeo “Sobre a mesa”, visto que

malhar cu é uma situação esdrúxula, que leva à comicidade. Uma crítica aos diversos exercícios para partes específicas do corpo.

Homem: Você tem personal trainer? Porque a Mariana é meio preguiçosa e, se não tiver alguém incentivando, ela vai fazer seis meses de matrícula e vai vir um mês só, sabe?

Atendente: Danadinha, né? Temos sim. Temos quatro tipos pra vocês escolherem: Temos o personal puxa-saco, que é aquele que se faz de amigo, mas só quer o seu dinheiro, como todos os outros, na real; Temos o personal lover, que vai comer sua senhora. Delícia, né? Temos o personal lover camuflagem... Quê que é o camuflagem? Ele vai fingir que é gay na frente do seu marido e, por trás, vai te comer, delícia. Igual o outro; E temos o personal papo-merda, que é aquele cara burro, nada inteligente, que fica fazendo piadinha de pavê... Pavê ou pra comer. Pra comer sua senhora, inclusive. Temos esses quatro tipos.

Homem: E aí, amor?

Mulher: (Sem jeito) Não, não gostei não. Tá, brigada, tá, querida? A gente vai dar uma pensada, qualquer coisa a gente volta.

Atendente: Ah, vocês querem dar uma pensada. É a academia do lado, por favor.

O nome dos tipos de “personal trainers” ironiza essa profissão, que, no séc. XXI, está cada vez mais em evidência. A ridicularização das profissões aparecerem discutido tanto em Bergson (2001) como Propp (1992), ambos apontam que eram uma forma de comicidade muito utilizada tanto por Molière como Shakespeare e outros dramaturgos. Entrando nisso a forma de falar, ou seja, o jargão das profissões, como já é evidenciado nos pacotes da academia, além do fato de relacionar com a possibilidade de as clientes terem casos com os “personais”, fato que já é uma piada no cotidiano dos maridos cujas esposas fazem academia.

O que chama a atenção é a atuação dos atores; Está explícita no rosto deles a ironia que eles estão fazendo com o tema da grande procura por academia. Há um ar de deboche, de ironia na interpretação; Além de a crítica estar nos diálogos, está muito forte na interpretação do elenco. É extremamente visível no olhar da atriz Julia Rabello, que faz a mulher, e da Letícia Lima, a atendente. É quase como se fosse um distanciamento de “Brecht”, como se o ator estivesse olhando de fora para o personagem e dizendo como você é idiota, ridículo. A interpretação deixa transparecer que o próprio ator critica seu personagem.

(Vinheta do canal. Na sequência, temos uma mulher malhando com a supervisão de um personal trainer).

Personal: Gata, cadê o gominho dessa virilha sorrindo pra mim, hein? Cadê o gominho aparecendo ali, dando tchauzinho pra mim? Faz vozinha de pato pra mim. Fala assim: “Eu sou o Felipe Massa”. Vai lá.

Mulher: (Voz de pato) Eu sou o Felipe Massa.

Personal: Não tá anasalado, vai lá. “Eu sou o Felipe Massa”.

Mulher: (Voz de pato) Eu sou o Felipe Massa.

Personal: (Grita) Gata, cadê essa virilha? Vai lá! Canta pra mim, virilha! Vamo lá! Cadê o gominho sorrindo, hein? Eu não tô vendo nada aqui, cadê? Tomou Whey? Tomou Deca? Tomou Stroll? Tomou vitamina C? É bom, porque cura gripe.

Para completar a primeira cena, no desfecho, temos a situação que a atendente já tinha antecipado, agora vemos o “personal trainer” dando instrução/motivação para a moça que malha. Na cena 1, há a criação do contexto e na 2 a exemplificação, o que deixa o vídeo mais cômico ainda. Aqui fica mais evidente a ridicularização das profissões elecandas por Propp (1992) e Bergson (2001), na linguagem do “personal trainer”; Somando-se a isso, a comparação da voz de quem malha com a das “Panicans”³³ e dos pilotos de fórmula 1: A soma do ridículo físico com o ridículo profissional (BERGSON, 2001).

Ao final, o “personal trainer” faz uma quebra, pergunta se ela está tomando as proteínas. Dessa forma, quando você pensa que ele seguirá nessa linha, pergunta se ela tomou vitamina C. Isso rompe com o que vinha acontecendo e leva ao riso. A reta transversal de Bergson (2001), que corta a horizontal, ou seja, o inesperado de Propp (1992), o que gera a comicidade.

O trabalho do grupo Porta dos Fundos tem uma carga extremamente crítica aos fatos presentes no nosso cotidiano. Através do deboche, eles criticam os mais diversos comportamentos, seja o machismo, a vaidade, os vícios nas redes sociais, a questão das olimpíadas, a política e a si próprio, como no caso do vídeo “Delação”³⁴, em que eles falam das críticas que recebem sobre o fato do uso da “Lei Rouanet”, de um possível apoio ao governo Dilma, por isso receberam tamanha quantidade de dinheiro, o que facilitou seu sucesso. Vemos assim um despudor ao extremo, onde eles não têm medo de ser sarcásticos com o próximo, mas também não fogem de fazer ironia de si mesmos. Ao mesmo tempo que

³³ Assistentes de palco do programa Pânico na Band.

³⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m92wwsCxk7k>>. Acesso em: 5 set. 2016.

eles expõem as fraquezas dos outros, também expõem as suas, o que os deixa mais fortes ainda.

O Porta dos Fundos traz um humor transgressor ao não ter medo de tocar em temas tabus, sagrados, e se propor a fazer chacota de qualquer figura, ser, personagem etc, como nos vídeos em que eles retratam os pastores evangélicos nas pregações. Um humor que olha para o tema retratado como se dissesse “não vamos ter medo de falar de você, pois sabemos o quanto você e seu comportamento são ridículos e absurdos.” Mostram o quanto de cômico há na seriedade, por exemplo, das figuras dos pastores.

8.3 Xuxa Meneghel³⁵

O vídeo foi publicado em 7 de maio de 2016, e tem no elenco Xuxa Meneghel, Thati Lopes, Rafael Portugal e Vera Monteiro. Traz Xuxa fazendo uma visita a uma casa de fã.

Xuxa: Vem, gente. Olha, é aqui. Vamos ver como é que ela vai me receber, hein? (Bate na Porta.)

Mulher: (Voz em off, grita.) Já Vai! (Xuxa bate de novo). Já vai, caralho, porra! Tá com pressa, enfia essa mão no cu! (Abre a porta) Quem é?

Aqui já temos uma quebra de expectativa, pois, geralmente, nos programas, as pessoas são sempre gentis com os apresentadores. A mulher já fala palavrão e é mal educada com a Xuxa. Temos assim uma quebra de expectativa.

Xuxa: Oi, tudo bem?

Mulher: Tem pão velho aqui não.

Xuxa: Não, não, não. (Tira a peruca loira) Sou eu. Xuxa.

Mulher: (Desanimada) Sou eu, Jéssica.

Xuxa: Oi, Jéssica. Tudo bem?

Mulher: Tava tudo meio médio, agora tá tudo meio merda, né? Quem é essa gente toda aqui?

Xuxa: Essa é minha equipe, Jéssica. Você tá no meu programa. Programa Xuxa Meneghel!

Mulher: (Arruma o cabelo) É a Globo?

Xuxa: Não, é a Record, Jéssica.

³⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ru8zohJM65Y>>. Acesso em: 5 set. 2016.

Mulher: Aaah, tá.

Xuxa: Jéssica, eu posso entrar? Posso falar com você?

Mulher: Mas... mas, pra que é? É com quem que você quer falar?

Xuxa: Você tem filho, Jéssica?

Mulher: Eu nasci sem útero.

A personagem mulher sempre está com má vontade com a Xuxa, ao pensar que é a Globo, ela fica um pouco mais alegre, mas, ao saber que é a Record, se desanima. Aqui temos uma crítica à questão da audiência, ao fato de as pessoas quererem só aparecer na Globo, o status que isso dá. Recentemente o canal Porta dos Fundos fez um vídeo sobre a “Record”³⁶, pois o Fábio Porchat começou um “talk show” lá. No vídeo, Porchat vem avisar a mãe da atriz Paloma Bernardi, que é contratada da Record, que a atriz está viva e bem e que eles podem encerrar as buscas. Conta que já avisou a família do Floriano Peixoto, da Babi Xavier, da Gisele Itié³⁷. Temos um deboche sobre a questão da audiência e que, quando os atores não estão na Globo, é como se estivessem desaparecidos ou mortos.

Nas vinhetas de chamadas do seu “talk show”, Fábio Porchat aparecia falando que queria divulgar seu programa na Fátima Bernardes, no Vídeo Show, no Jornal Nacional, etc. Aí eles avisam que ele estava na Record, ele fala assustado, “Não fala isso nem brincando!” Ao final, dizia que era por isso que o Rodrigo Faro não parava de mandar mensagem para ele no “facebook”. Em outro, eles o lembravam que eles tinham assinado um contrato com a Record. Então, vemos que o deboche, que é marca do canal, está migrando para a televisão, com a entrada dos membros do grupo na mesma.

O fato de ela ter nascido sem útero é mais uma quebra de expectativas, que deixa a apresentadora sem graça, assim como a mulher achar isso bom, pois não gosta de crianças, fato que entra em contradição com a Xuxa, que tem sua história ligada às crianças.

A energia das personagens também se contrapõe, pois, a Jéssica está sempre em um status baixo, de preguiça, pouca vontade, e a Xuxa está radiante, muito contente e feliz. Isso é outro elemento que leva ao cômico, que é o contraste (BERGSON, 2001).

Xuxa: Ai, Jéssica, desculpa. Nossa!

Mulher: Não, pra mim é tranquilo. Eu acho criança meio tipo pombo, né? Eu não gosto, não.

Xuxa: Bem, Jéssica... É que eu queria, sabe, na realidade... Eu queria que você participasse do meu programa, sabe? E aí, eu...

³⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Qu3wC1YidGI>>. Acesso em: 5 set. 2016.

³⁷ Atores contratados da Record.

Mulher: Aaah... É tipo aquele programa que reforma a casa do pobre? Porque isso aqui tá que é cupim puro.

Xuxa: Não, não, Jéssica. Não é.

Mulher: Vai me dá um carro ou uma maquininha de fazer fralda?

Xuxa: Não.

Mulher: Um rack legal do Magazine Luiza?

Xuxa: Não, Jéssica. Não é isso, não.

Mulher: Não, não é! Porque eu já sei o que é que é. Isso daí é coisa do programa do Luciano Huck. É o Luciano aqui, não é? (Tenta tirar a máscara do rosto da Xuxa)

Xuxa: Não, não, Jéssica, não. Não é.

Mulher: Dá pra ver o Luciano...

Xuxa: Não, não, Jéssica, não.

Mulher: Eu amo o Luciano. Angélica, manda um beijo pra Angélica.

Xuxa: Jess... Não é!

Mulher: Eu sou louca pela Angélica, acho ela a coisa mais linda.

Xuxa: Olha, presta atenção, presta atenção. Não! Não é.

Mulher: É do Celso Portioli?

Xuxa: Xuxa Meneghel. Programa Xuxa Meneghel.

Ao pensar que era outro programa, como o do Luciano Huck ou o do Celso Portioli, traz a pouca audiência que a Xuxa veio tendo nos últimos anos, fato que a levou a sair da Globo. A comicidade pretendida na cena vem da Xuxa estar lidando com isso, falando disso com bom humor, rindo de si mesma, da sua história, das suas características, celebração do fracasso em público. Bergson (2001) aponta como um dos princípios cômicos a degradação, ou seja, a apresentação de uma coisa que era respeitada e cultuada, agora como medíocre e sem graça. Assim, temos a “eterna rainha dos baixinhos” que teve um enorme sucesso no passado, na sua época de Globo, agora, em uma outra emissora, reconhecendo sua fase de baixa audiência e de certa rejeição pelo público.

Aliando-se a isso, a transgressão das normas salientada por Propp (1992), porque, ao debochar de si mesma, a Xuxa quebra com sua construída imagem de sucesso, mostrando que ela também possui fracassos. Isso a tira do patamar dos deuses e a iguala aos humanos. O que Reis (2013) evidencia é que o homem quer ter a perfeição dos deuses, mas seus fracassos o lembram de que é humano.

Mulher: Eu não conheço. Eu não sei, não assisto seu show.

Xuxa: Eu... eu posso entrar, Jéssica, pra gente conversar?

Mulher: Não.

Xuxa: Sabe, é que eu queria saber, na realidade, sabe, as tuas histórias.

Homem: Jéssica, oh, Jéssica.

Mulher: Já vai, Guilherme! Que saco! Tô falando com a mulher aqui.

Xuxa: Tudo bem... Tudo bem Jéssica. Tá, pode ir...

Jéssica: Fala.

Xuxa: Pode ir, pode ir, pode ir. Eu não quero também mais falar. Tudo bem, acabou. Vamos embora gente. Vamos embora. Tudo bem.

Jéssica: Porra, me tirou da cama à toa, viado (Xuxa encontra um rapaz).

Rapaz: Meu Deus, não acredito!

Xuxa: Ufa!

Rapaz: Gisele, corre aqui! A Eliana tá aqui.

Quando a apresentadora Xuxa pensa que será reconhecida, o rapaz pensa que ela, Xuxa, é a Eliana: mais uma vez, eles dão uma quebra no roteiro, que traz comicidade. O inesperado que gera a comicidade (PROPP, 1992). Fazendo uma brincadeira, também, pelo fato de muitas pessoas confundirem os apresentadores.

(Vinheta do canal).

(Xuxa mexendo no celular. Chega uma senhora idosa).

Senhora: Gente!!!

Xuxa: Oi.

Senhora: É a Xuxa!

Xuxa: Tudo bem?

Senhora: Ai, eu era tão sua fã. Assistia você desde que eu era pequenininha. Você ainda tá na Manchete?

Xuxa: Ai, meu Deus!

Para “coroar”, há o fato de a personagem senhora dizer que assistia a ela desde a infância. Aqui, temos uma questão etária, pois a senhora aparenta ser bem mais velha que a Xuxa. Essa comparação produz riso, ao se comparar a Xuxa e a senhora, a qual ainda pergunta se ela está na Manchete, emissora que já foi extinta, e brinca com o pouco sucesso de Xuxa atualmente.

Ao longo do vídeo, temos a constante repetição das pessoas que não reconhecem a apresentadora Xuxa, um dos elementos cômicos evidenciados por Bergson (2001), ou seja, a repetição de determinada situação a torna mais engraçada ainda.

A Xuxa, ao participar desse vídeo, se permite rir de si mesma, coisa que os palhaços, os comediantes de stand-up e os próprios vídeos do Porta dos Fundos fazem. É assumir o fracasso em público e rir disso, se auto ironizar. “O riso é uma arma de destruição: ele destrói a falsa autoridade e a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio” (PROPP, 1992, p. 46).

A Xuxa já havia sido citada em outro vídeo do canal, intitulado de “Xuxuxu Xaxaxa”³⁸, no qual um homem chega para a mulher e conta que se encontrou com a Xuxa. Lembra-lhe de que a mulher falou que ele podia transar com outra mulher apenas se ela fosse a Xuxa. O cara diz que encontrou a Xuxa e ela topou. A mulher fica sem reação, de boca aberta. O vídeo termina mostrando uma bota branca, símbolo da Xuxa, e um casal fazendo sexo, só mostra a borda da cama e dá a entender que o sexo é com a Xuxa. Foi a partir desse vídeo que a Xuxa decidiu participar do próximo vídeo. Em virtude de os vídeos do Porta terem milhões de visualizações e estarem em alta na atualidade, a parceria é benéfica para a imagem da Xuxa, que mudou de emissora e está começando um novo programa. É uma forma de divulgação para ambos, pois a Xuxa é uma celebridade conhecida mundialmente.

Segundo a atriz Karina Ramil, o Porta dos Fundos tem um humor sagaz, com grande carga política, pautado em observações do cotidiano, não tendo medo de propor uma maneira diferente de olhar para o cotidiano. O objetivo é tirar o melhor de cada situação, sem ter que usar um tom agressivo, mas sim, a partir de um outro ponto de vista. Cita o exemplo do vídeo “Fashion Week”³⁹, que aborda o mundo da moda, a partir da entrevista de um estilista contando que usa trabalho escravo e infantil. “Quantas roupas não compramos e programas de moda não vemos sem fazer uma reflexão de como esse mercado funciona?” Salienta que nem todas as marcas estão envolvidas com escravidão. Mas que muitas estão e que a partir de ter feito o vídeo começou a pensar sobre seus hábitos de compra. Enfoca que estamos acostumados a fechar os olhos e tornar banal fatos surreais. “[...] esse vídeo está aí por isso, pra cutucar a ferida, te tirar da zona de conforto. E quem sabe, assim eu espero, começarmos a mudar esse sistema doente”.⁴⁰

³⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tH3fDesDPhI>>. Acesso em: 12 set. 2016.

³⁹ Disponível em <https://youtu.be/CH0p6L3Sc-s>. Acesso em: 22 jun. 2017.

⁴⁰ Entrevista concedida ao pesquisador em 20 de junho de 2017. Conforme apêndice 2.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comédia, em todos os tempos, tem como ponto-chave a questão da crítica ao comportamento da sociedade de dado período. Ao retratar os temas do cotidiano no palco, telona, telinha e tela do computador, bem como outros espaços, a comédia pode dar alguns tons a mais ao assunto para evidenciar seu lado cômico ou apenas mostrar o fato, e, mesmo que a crítica não seja explícita, basta um olhar mais atento para vê-la lá. Esclarecendo que a crítica não é só aos sistemas políticos, às grandes personalidades e às religiões, a crítica pode ser ao comportamento humano mais simples, como o acessar uma rede social ou fazer compras em um supermercado. O humor tem o poder de mostrar o quanto o comportamento humano pode ser ridículo, sem sentido e absurdo.

O canal de humor na internet Porta dos Fundos faz uma crítica aberta ao comportamento humano nos mais diversos espaços e temas, através de um olhar crítico debochado, evidenciando o quanto o cotidiano é cômico, os comportamentos, vícios e desejos humanos são risíveis. Com isso, o Porta vai contando a história do período atual pelo viés cômico, como fez Molière na França ao retratar os absurdos da burguesia, assim como Aristófanes na Grécia, ao retratar os vícios humanos. Martins Pena no Brasil, ao trazer os tipos nacionais para o palco, e muitos outros autores que escreveram textos cômicos mundo afora, ao trazerem para a comédia observações críticas relacionadas ao cotidiano de uma sociedade.

Ao criar suas propostas de vídeos, o Porta dos Fundos propõe um olhar sobre determinado tema; A partir disso, as pessoas que visualizam os vídeos passam a refletir sobre o mesmo. Isso é perceptível nos milhares de comentários que o público faz no Youtube, abaixo dos vídeos, que podem concordar ou discordar do seu conteúdo. Com isso, é gerada uma discussão sobre o tema, colocando as pessoas para refletirem. A internet deu voz ao público, a partir disso foi possível um diálogo entre quem produz e quem assiste.

O grande sucesso do canal Porta dos Fundos evidenciou possibilidade de trabalho para diversos atores no país, vendo que, além do teatro tradicional, do cinema e da televisão, a internet também é um caminho profissional. Somando-se a isso, a questão da liberdade que o grupo Porta dos Fundos evidencia nas suas falas, que permite quem produz conteúdo na internet fazer o que gosta, motiva e se identifica, o que em outras plataformas muitas vezes

não é possível. O grupo até tentou a televisão, mas não conseguiu abertura, por isso, lançaram o projeto na internet.

Dessa forma, a internet vem abrir uma grande possibilidade de as pessoas realizarem seus trabalhos e mostrá-los ao público, possibilitando que, em qualquer região do mundo, uma pessoa tenha um canal no Youtube e publique seus vídeos, como o autor da presente pesquisa fez e também o grupo Porta dos Fundos. Pessoas do mundo inteiro terão acesso a tal conteúdo, propiciando às pessoas um caminho profissional, como evidenciado pelo grupo Porta dos Fundos, a internet abrindo um caminho para que essas trabalhem.

Ao estudar o canal Porta dos Fundos, foi possível entender a construção do humor, através da exposição das contradições da sociedade, mostrando que os assuntos do cotidiano podem ser e são cômicos.

Este trabalho sobre o Porta dos Fundos me inspirou e trouxe mais certeza ainda de seguir essa área, no campo audiovisual, seja na TV ou na internet, é uma forma de agregar conhecimento para minha formação, além de ser prazeroso, tanto na criação de meus próprios vídeos como na apreciação desse estilo.

A imposição do tema politicamente correto às TVs abertas abre a possibilidade de transgressão nas redes sociais; Assim, o programa Porta dos Fundos inicia na internet uma forma diferenciada de humor que transgrediu o humor politicamente correto da TV.

Estudar sobre o Porta dos Fundos é ter uma referência de como é a organização de um grupo que produz vídeos de humor para serem publicados no YouTube, quais são seus ideais e de onde partem para produzir os vídeos. Com isso, entende-se como o grupo sobrevive na internet já há alguns anos e gera receita com o seu conteúdo.

O estudo do tema comédia e humor na graduação de teatro da UFU, trouxeram uma grande contribuição a minha formação no que concerne a amplitude do ponto de vista transgressivo do estudante sobre o universo teórico-prático relacionado a temática comicidade, onde o ator torna-se também um ser mais flexível e aberto a forma de ver o mundo e o espectador a sua volta.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Adriana Aparecida. **Um conto de fadas contemporâneo: a comédia romântica**. Juiz de Fora: 2004.

ALVES, José Cláudio Rodrigues. **Liberdade de expressão e programas humorísticos**. Revista Direito e Liberdade – RDL – ESMARN – v. 17, n. 1, p. 131-171, jan./abr. 2015.

AOKI, Ricardo Luiz; GOLEMBIEWSKI, Carlos; KRIESER, Patrícia Araceli. **CQC, Custe o Que Custar. Um programa jornalístico?** 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-1217-1.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2016.

ARÊAS, V. **Iniciação à Comédia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média: O contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.

BERGSON, Henri. **O Riso: Ensaio sobre a significação da comicidade**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRANDÃO, J. S. **Teatro Grego: tragédia e comédia**. 6ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BRAUNE, Bia; RIXA. **Almanaque da TV: histórias e curiosidades desta máquina de fazer doido**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

CAETANO, Camila de Souza. **CQC: jornalismo popular e entretenimento?** VIÇOSA: 2011. Disponível em: <<http://www.com.ufv.br/pdfs/tccs/2011/CamilaCaetano.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2016.

CAMPOS, Flavio de. **Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CARVALHO, Lauzemir Augusto Rodrigues. **Porta dos Fundos: Uma experiência multiplataforma na cultura da convergência**. Viçosa: 2014.

FERREIRA, Andre Luiz Rodrigues. **Transgressão na máscara do palhaço**. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/pesqcenicas/article/viewFile/3039/2459>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

GUIMARÃES, Bruno Menezes Andrade. **“Porta dos Fundos” e a (des)construção da religiosidade em vídeos de humor na internet.**

GUTIÉRREZ, Jorge Luis. **A Tragédia como “Drama em Versos” no Tratado a Poética (Περὶ Ποητικῆς) de Aristóteles.** Revista Pandora Brasil - Nº 31 – Junho de 2011 - ISSN 2175-3318. Disponível em <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/teatro/jorge.pdf> Acesso em: 22 mai. 2016.

MARTINS, Luis Felipe Leal. **Operações de sentidos do processo de edição audiovisual: Estudo sobre o quadro controle de qualidade do programa CQC.** 2016. Disponível em: <<https://lapecjor.files.wordpress.com/2011/04/operac3a7c3b5es-de-sentidos-do-processo-de-edic3a7c3a3o-audiovisual-estudo-sobre-o-quadro-controle-de-qualidade-do-programa-cqc.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2016.

MEMORIA GLOBO. Casseta & Planeta. 2016. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/humor/casseta-planeta-urgente-/tabajara-futebol-clubes.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

MEMORIA GLOBO. TV Pirata. 2016. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/humor/tv-pirata/formato.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio.** Trad. Maria Helena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

PROPP, Vladímir. Comichade e riso. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

REIS, D.M. **Caçadores de Risos: o maravilhoso mundo da palhaçaria.** Salvador, EDUFBA, 2013.

SILVA, Anderson Lopes da Silva; CAMARGO, Suelen Fernanda. **Telejornalismo e entretenimento: características do Civic journalism e infotenimento no programa CQC.** Maringá: 2011. Disponível em: <http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2011/anais/anderson_lopes_da_silva.pdf>. Acesso em: 1 set. 2016.

UOL. CODIGOFONTE. Disponível em: <<http://codigofonte.uol.com.br/noticias/porta-dos-fundos-ganha-o-premio-play-de-diamante-do-youtube>>. Acesso em: 1 set. 2016.

VALE, Rony Petterson Gomes do. **Humor, humoristas e problemas de topia discursiva. Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n. 2, p. 267-283, maio/ago. 2015.

VALE, Rony Petterson Gomes do. **Politicamente (in)correto: do léxico para os gêneros do discurso.** Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/2585.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

VASCONCELOS, Anna Beatriz Lisbôa de. **Comédia no cinema brasileiro: o gênero na cultura globalizada.** Brasília: 2012.

WEBER, Ana Claudia. **A utilização do humor na publicidade: Um estudo sobre o canal Porta dos Fundos.** Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/103480>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

APÊNDICE

APÊNDICE 1

Entrevista com o ator, do Porta dos Fundos, Rafael Portugal⁴¹

1) Como foi sua formação de ator?

Rafael Portugal: Fiz um curso de teatro aqui onde eu moro e logo depois já criei meu primeiro canal na internet, chamado IXI. A partir desse momento o contato com as artes cênicas foram aumentando.

2) Como começou a participar do Porta dos Fundos?

Rafael Portugal: Eu fazia parte do canal Parafernália quando recebi a ligação do Kibe. No início não acreditei e até neguei, estava muito nervoso e sem entender o que tava acontecendo rrsrrssrrs, aí conversei com minha esposa e de noite retornei a ligação para ele perguntando se o convite ainda estava de pé, graças a Deus estava. rrsrrsr

3) Como são as gravações dos vídeos? Também escreve roteiro? Os atores mudam o roteiro?

Rafael Portugal: Temos alguns roteiristas e nós mesmo escrevemos também, tem um vídeo que eu fui o roteirista chamado "Programa".

4) Como vê sua trajetória no Porta dos Fundos?

Rafael Portugal: O Porta mudou minha vida, cresci muito como ator, são muitos desafios a cada gravação. A organização do Porta como uma empresa me mostrou o quanto o canal é grande. E com certeza vem muito mais coisa pela frente.

5) Como você vê o humor produzido pelo Porta dos Fundos?

Rafael Portugal: É um humor que fala o que muita gente tinha medo de falar, falamos de política, religião e futebol fazendo a galera rir e isso é o que importa no final.

6) Quais diferenças você percebe entre o humor do Porta e o da TV?

Rafael Portugal: Muita diferença, na Porta nós decidimos o que vamos fazer, não existe um diretor para colocar um PIIII no que a gente fala. Na TV você não pode falar sobre 90% dos assuntos que falamos no Porta e nem da forma que falamos.

⁴¹ Ator do Porta dos Fundos.

7) Como você vê o humor na internet e o humor nacional em geral?

Rafael Portugal: Hoje o humor é um pouco diferente dos comediante antigos que me inspiraram, é exatamente essa palavra, diferente. Hoje falamos mais abertamente sobre assuntos velados, sacaneamos nós mesmo, improvisamos, criamos música na hora... a agilidade do dia a dia entrou na comédia também.

8) Quais as principais características do humor do Porta dos Fundos?

Rafael Portugal: Acho que é falar de tudo sem se importar com a censura (dentro de um determinado limite) e fazer as pessoas refletirem com coisas bobas que nunca ninguém tinha falado antes.

9) E o politicamente correto, o que pensa sobre?

Rafael Portugal: Ah, isso não existe mais né? rrsrrsr com essa irreverência que temos não podemos nos apegar nesse termo.

APÊNDICE 2

Entrevista com a atriz, do Porta dos Fundos, Karina Ramil⁴²

1) Como foi sua formação de atriz?

Minha família sempre me estimulou na arte, desde pequena me colocavam em cursos de teatro, música, artes plásticas. Comecei cedo como atriz, aos 12 anos ingressei na escola O Tablado, onde permaneci até os 24. Sou formada em Artes Cênicas pela Universidade do Rio de Janeiro e fiz vários cursos de teatro, corpo, voz e afins com diversos professores. Morei em Barcelona e estudei no “Col.legi de Teatre de Barcelona” com Boris Rotenstein e Jango Edwards. Quando voltei estudei com Daniel Herz, André Paes Leme, Fernando Caruso, Lucia Russo, Edson Erdmann, Fátima Toledo entre outros.

2) Como começou a participar do Porta dos Fundos?

Na verdade foram testes. No final de 2015 vi umas chamadas em algumas redes sociais do Porta procurando atores e atrizes. Alguns amigos me incentivaram e eu mandei meu material.

⁴² Entrevista concedida por e-mail ao pesquisador, em 20 jun. 2017.

Me chamaram para os testes e entre eles algumas participações. Depois de um tempo rolou o convite para integrar o elenco fixo e claro que aceitei! Fiquei super feliz.

3) Como são as gravações dos vídeos? Também escreve roteiro? Os atores mudam o roteiro?

Eu participo da criação na hora do set, fazendo a cena junto com o diretor e outros atores. Já escrevi alguns esquetes, mas ainda não foram gravados, mas espero que em breve! Geralmente recebemos os textos um tempo antes e gravamos durante a semana. Raramente o roteiro é mudado.

4) Como vê sua trajetória no Porta dos Fundos?

Sempre admirei o trabalho de todos lá, mas sinceramente não imaginava que um dia estaria ali! (rs) Sou muito agradecida e orgulhosa de fazer parte do elenco fixo do Porta. Todos são muito divertidos e a equipe é super profissional. O carinho das pessoas que assistem é muito legal também. Tenho muito prazer em participar dele.

5) Como você vê o humor produzido pelo Porta dos Fundos?

O Porta tem um papel muito importante como canal e acredito que por termos diversas opiniões lá dentro a nossa fala se torna mais ampla e democrática. Estamos sempre buscando novos assuntos pra abordar, acho que isso torna o trabalho cada vez mais rico. E acredito que, cada vez mais, temos que quebrar o tabu de certos temas. Temos que questionar mais, pensar mais. O humor faz isso com leveza.

6) Quais diferenças você percebe entre o humor do Porta e o da TV?

Acho que o Porta tem mais liberdade pra falar de assuntos que ainda podem ser tabu pra TV, eu vejo que as coisas tem avançado pra todos os lados, mas mesmo assim ainda existe essa diferença. Por serem os próprios donos e estar numa plataforma da internet podemos falar diretamente o que queremos falar, sem ter que "pisar em ovos". Citar nomes, falar de situações que são delicadas e ter tantas opiniões diferentes no mesmo espaço sendo respeitadas e representadas no mesmo espaço fazem com que o Porta tenha um diferencial.

7) Como você vê o humor na internet e o humor nacional em geral?

Acho que internet é terra de ninguém e por isso tudo pode surgir dali, tanto coisas positivas quanto negativas. Acho que o brasileiro tem se especializado nisso, é incrível ver a rapidez com que o humor aparece com qualquer fato que ocorra no Brasil, mesmo que seja triste pra todos, vide a política brasileira. Isso é muito interessante de se observar e atuar, porque vejo que o pensamento crítico tem se expandido, mesmo que por um meme mais leve. Claro que essa liberdade acaba gerando coisas desagradáveis também, mas a liberdade de expressão é isso. Contanto que não estejam reprimindo e sendo preconceituosos com minorias, acho quase tudo válido.

Eu penso que o humor é a melhor forma de lidar com as coisas e acho que a internet estimula isso, abre portas pra conhecer milhões de pessoas diferentes e como ela vêem a vida de outra forma.

8) Quais as principais características do humor do Porta dos Fundos?

Acho que o Porta tem um humor sagaz, muitas vezes políticos, as vezes uma observação do cotidiano, as vezes uma viagem qualquer. Mas o que percebo principalmente é essa forma de olhar pras coisas de uma maneira diferente, como se tirassem o melhor que aquela situação pode dar, sem ter que falar pros outros de uma maneira agressiva. Quando assiste um vídeo você acaba enxergando aquela situação de um outro ponto de vista e eu acho isso incrível.

9) E o politicamente correto, o que pensa sobre?

Eu acho que nós estamos vivendo em um momento de bastante reflexão, acho que as pessoas tem limites, então acaba que o humor não fica legal de certas formas. Eu não faço piada com minoria, por exemplo. Acho isso uma coisa velha, tem tanto assunto diferente, por que bater sempre na mesma tecla?

10) Comente um pouco sobre as críticas ao comportamento da sociedade presente nos vídeos, como por exemplo no vídeo Fashion Week.

Como comentei antes acho que esse tipo de vídeo faz a gente olhar para uma situação corriqueira de um outro ponto de vista e isso é um ganho. Quantas roupas não compramos e programas de moda não vemos sem fazer uma reflexão de como esse mercado funciona? Claro que nem todas as marcas se envolvem com uma situação bizarra como a escravidão, mas quantas se envolvem e nós fechamos os olhos? Eu fiquei muito feliz de participar daquele vídeo por isso, eu mesma comecei a pensar diferente sobre meus hábitos de compra. Sinto que

esse tipo de comportamento que temos na sociedade de fechar os olhos, nos acostumarmos com fatos surreais é uma coisa que preferimos não pensar o tempo todo e esse vídeo está aí por isso, pra cutucar a ferida, te tirar da zona de conforto. E quem sabe, assim eu espero, começarmos a mudar esse sistema doente.